

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA



INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA

JOSÉ HIDASI E OS NATURALISTAS NO “CORACÃO BÁRBARO”
DO BRASIL

Rosangela Terezinha Perotti

Orientadora: Professora Dr^a Izabel Missagia de Mattos

Dissertação de Mestrado
Mestrado Profissionalizante em Gestão do Patrimônio Cultural
Área de Concentração: Antropologia

Goiânia, 2005

Para Mauro Ferreira Netto e filhos: Caroline, Waira, André e Felipe. A professora Maria Ester Gonçalves Alves Machado Ribeiro. (In Memoriam).

Agradecimentos

Este trabalho é resultante de esforços somados ao apoio da direção do Curso e a todos os professores que colaboraram para a sua concretização e desenvolvimento.

À Prof^a Dr^a Izabel Missagia de Mattos, pela orientação, apoio, empréstimo de livros e confiança depositada em meu trabalho. A Prof^a Dr^a Albertina Vicentini, cuja dedicação, competência, serenidade e postura ética compuseram no processo de construção do meu aprendizado.

Um agradecimento muito especial aos companheiros de jornada do Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural, cúmplices de todos os momentos: Antônia Lima Simiema, Antônia Custódio Pereira, Maria Francinete de Souza, Nina Dolzan, Raimundo Bezerra.

Ao Altair Salles Barbosa (Instituto do Trópico Sub-Úmido), pelo apoio de material e pesquisa, que me ajudaram a encontrar questões aqui investigadas. Ao amigo Binômio da Costa Lima devo a motivação a as oportunidades de participar em atividades de pesquisa.

Ao José Hidasi, pelo imenso carinho, paciência, dedicação em reparar informações sobre dados, e cujo compromisso com a investigação interdisciplinar possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.



Uma das mais fortes emoções que o papel impresso já me proporcionou, devo-a ao cidadão do mundo, Jean Manzon. Era uma fotografia e representava um guerreiro Xavante de arco esticado, a seta apontada para o céu, pontaria alçada contra o avião cuja sombra negra lhe aparecia ao lado. Além de toda a força plástica de quadro tão belo, havia ainda um elemento dramático, eterno, naquele flagrante. Era o próprio coração bárbaro do Brasil, enfrentando o mundo, o choque inicial do homem primitivo contra os engenhos mais modernos da civilização – era assombroso constatar que o selvagem não se apavorava, que sozinho e nu no meio da selva enfrentava a espantosa ave de ferro carregada sabe Deus de que mistério e de que inimigos. Essa fotografia foi feita em plena guerra, quando os tanques e os aviões de nazistas punham de joelhos a Europa inteira. Fazia bem, dava vontade de chorar, ver a cólera e a bravura do bárbaro no próprio instante em que metade do mundo, acovardada e vencida, enchia a gente de vergonha de pertencer à raça humana também. (Rachel de Queiroz, 1956).

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS	vi
RESUMO	viii
RÉSUMÉ	ix
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	13
<i>Physys, Matéria e Natureza</i>	13
CAPÍTULO II	18
Visitantes a Terra <i>Delli Pagagá</i>	18
Naturalistas Ornitólogos do Século XVII ao Século XIX	23
O fascínio da Natureza do Século XIX	28
Visão Encantada da Natureza a partir das lentes dos Naturalistas do Século XX	33
CAPÍTULO III	54
José Hidasi – Pesquisador Eternizador e Museólogo	54
CAPÍTULO IV	70
Passaporte para a Eternidade e o Museu Ornitológico	70
Museu de Ornitologia – Descrição em Imagem	73
Museus de Ciências – Breve Histórico	78
CAPÍTULO V	88
Museu Itinerante de José Hidasi - Uma forma de popularizar a Ciência	88
CAPÍTULO VI	99
Museu de Ornitologia – Patrimônio Cultural a Serviço da Comunidade	99
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
CRONOLOGIA DE VIDA E OBRA	111
ICONOGRAFIA DE JOSÉ HIDASI	113
ANEXO I	118
ANEXO II	124

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURAS

01 Alexandre Ferreira – Viagem Filosófica	21
02 Johannes Von Naterrer	31
03 Emílie Snethlage	35
04 Helmut Sick com índios Camaurá – Alto Xingu	44
05 Telegrama comunicando a prisão de Helmut Sick	45
06 Helmut Sick – Aragarças no Mato Grosso	48
07 Helmut Sick –Xavantina no Mato Grosso	51
08 Dr.Arquimedes e Helmut Sick –Aragarças no Mato Grosso	52
09 José Hidasí	54
10 José Hidasí –Xavantina no Mato Grosso	58
11 Maria Madalena Hidasí e amiga	59
12 Pacaas Novos –Wari	60
13 José Hidasí – Waicas – Yanomami	64
14 Índios Waicas – Yanomami	65
15 Ave taxidermizada – Anhuma	67
16 Museu de Ornitologia de Goiânia – construção antiga	73
17 Museu de Ornitologia de Goiânia – construção antiga	73
18 Museu de Ornitologia – Atual	74
19 Parte interna do Museu de Ornitologia de Goiânia	74
20 Sala de palestras	75
21 Laboratório de Taxidermia	75
22 Laboratorio de Taxidermia	75
23 Ave taxiermizada – Família Miropidae	76
24 Sala dos acervos científicos	76
25 Aves do Pantanal – acervo cultural	77
26 Aves da Amazônia – acervo cultural	77
27 José Hidasí – Museu Itinerante – Catalão em Goiás	88
28 Índio Xavante e a Rural Willys	90
29 Museu Itinerante – caminhão – Anápolis em Goiás	91

30	Museu Itinerante – Anápolis em Goiás	92
31	Museu Itinerante – reformado	94
32	Museu itinerante – Pirenópolis em Goiás	95
33	Arqueobus de Paulo Zanettine	97

RESUMO

A obra dos naturalistas ornitólogos que atuaram no Brasil no século XX enfocados neste trabalho foi contextualizada nos termos da História natural, praticada no século XVIII até o século XIX. A atenção dada à Natureza atrativa e exuberante serviu inicialmente tanto como instrumento científico como para o domínio imperial. Esta primeira fase encerra-se com um novo método de observar e investigar a natureza que expandiu o caminho para a institucionalização da História Natural, no século XIX. Imbuído desta tradição alemã José Hidasi chegou ao Brasil em 1950, e através da taxidermia, construiu um patrimônio científico e cultural, trabalhou na organização e restauração de acervos dos Museus do Brasil e do exterior e idealizou um museu Itinerante, pioneiro na popularização da Ciência junto às comunidades do país.

Palavras chaves: José Hidasi, naturalistas, patrimônio, museus.

RÉSUMÉ

L'oeuvre des naturalistes ornithologues qui travaillèrent au Brésil au XX^e siècle et dont traite le présent travail fut formulée dans les termes de l'Histoire Naturelle, pratiquée aux XVIII^e et XIX^e siècles. L'attention accordée à la Nature attirante et exhubérante servit aussi bien comme instrument scientifique que pour la domination impériale. Cette première phase se clôture avec une nouvelle manière d'observer et d'investiguer la nature qui élargit le chemin menant à l'institutionnalisation de l'Histoire Naturelle au XIX^e siècle. Imbu de cette tradition allemande, José Hidasí arriva au Brésil en 1950 et au moyen de la taxidermie, construisit un patrimoine scientifique et culturel, travailla à l'organisation et à la restauration de collections de musées du Brésil et de l'étranger et conceptualisa un musée itinérant, pionnier en matière de vulgarisation de la science auprès des communautés du pays.

INTRODUÇÃO.

A dissertação tem por objeto a tradição naturalista do século XX, através da pesquisa da obra do ornitólogo húngaro-brasileiro José Hidasi, bem como sua contribuição na construção dos acervos culturais e científicos dos museus.

O patrimônio cultural e científico produzido por essa vertente naturalista será observado ao longo da trajetória biográfica de José Hidasi, em sua extensão e importância cultural e científica.

O conceito de *physis* na tradição judaico-cristã assumiu uma imagem da Natureza diferente da dos gregos, tornando-se, na idade moderna, englobado pela ciência. No Renascimento, o importante era conhecer a ordem universal capaz de relacionar todos os seres e acontecimentos da criação.

No século XVIII, a história natural passou a requerer inventários com procedimentos a serem seguidos pelos naturalistas. O espírito regido pela taxonomia e fisiologia promoveu, neste período, um grande desenvolvimento da História Natural, quando surgiram naturalistas dispostos a percorrer trilhas, campos e florestas.

A natureza foi tomada por grupos de observadores e coletores, que se esforçavam para conhecer espécies novas, produzindo descrições deslocadas para a observação da territorialidade. Mas o evolucionismo de Darwin no século XIX impactaria o pensamento ocidental, alterando não só a noção de natureza, mas também a de Humanidade.

Os sistemas de classificação se adaptaram às necessidades ambientais e caracterizaram formas universais de representações que contemplaram as plantas e os animais. A invenção científica das classes, dos grupos, espécies foi compartilhada com vistas a abranger um número maior de informações para a História Natural.

Porém, na questão de representação, isto é, das espécies, da paisagem, do ambiente natural, quando assim procedemos (observamos, classificamos, sistematizamos) não estamos organizando, mas traduzindo o meio na categoria de cada cultura de maneira que possamos apreendê-la.

De outro lado, apesar de qualquer concepção, na organização continua a existir. Além do que as espécies vegetais e animais e ambiente não são conhecidas porque são úteis. Ao contrário, elas são consideradas úteis porque são primeiro conhecidas. (Lévi-Strauss, 1976).

Além disso, ordenar os animais e plantas de uma dada região, estabelecer uma regra mundial para sistematizá-los é, antes que uma norma científica, uma maneira de socializar e perpetuar, através do saber, um patrimônio cultural.

Apresento no trabalho uma síntese da história do naturalismo e da ornitologia brasileiros, citando os naturalistas Alexandre Rodrigues Ferreira do século XVIII e Johannes Von Natterer do século XIX, e expondo o essencial sobre seus trabalhos de campo e seus relatos realizados no país.

Também é apresentada a visão encantada da natureza vista das lentes dos naturalistas ornitólogos do século XX, fundamentados em uma tradição naturalista alemã, da qual fizeram parte Emilie Snethlage (1868-1929) e Helmut Sick (1910-1991), cientistas de campo e de museus que contribuíram, e muito, para o conhecimento da ornitofauna brasileira.

Fazendo parte dessa mesma tradição naturalista alemã e discípulo do Helmut Sick, José Hidasi chegou ao Brasil no dia primeiro de novembro de 1950, atraído pela pesquisa da avifauna. Trabalhou no Museu Nacional, participou das expedições da Fundação Brasil Central e exerceu o ofício de taxidermista, tornando-se assistente de Helmut Sick e cooperador de suas pesquisas.

Aprimorou a sua técnica de taxidermia e auxiliou na composição e restauração dos acervos do Museu Emílio Goeldi, do Museu de Zoologia do Parque Educativo, do qual foi um dos fundadores, bem como do Parque Zoológico de Goiânia. Ocupou o cargo de mentor no Museu Zoológico de Porto Velho em Rondônia e criou o Museu de Ornitologia de Goiânia, atual Fundação Ornitológica de Goiânia.

Aplicou suas atividades e técnicas a vários museus no Brasil e no estrangeiro, na Austrália, na Argentina, no Kênia e em Pretória, na África, na Hungria e na França. Construiu um patrimônio científico e cultural cujo valor de documentação biológica contribuiu para a Memória Natural, auxiliando os pesquisadores.

Popularizou a ciência através do seu Museu Itinerante, chamando a atenção dos estudantes e da comunidade, influenciando gerações. José Hidasí foi um dos pioneiros da propagação da biodiversidade animal e suas curiosidades pelo imenso território nacional produziram um trabalho educativo direto junto às populações urbanas e rurais.

Suas coleções têm fundamental importância não só pela grandiosidade e variedade dos acervos, mas pelo seu papel social. Existe, por exemplo, uma enorme comunidade portadora de necessidade especial inserida na sociedade para quem seus acervos prestam um auxílio, para que adquiram conhecimento e tenham melhor qualidade de vida.

Capítulo I

Phisys, Matéria e Natureza.

Os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) et caetera, m) que acabam de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas .(Enciclopédia chinesa -Jorge Luis Borges)

A noção de *phisys* entre os pré-socráticos pode ser considerada como um marco do conceito de natureza, mas num propósito distinto de como o interpretamos hoje. A *phisys* representa o Cosmo, o Universo, a Gênese. Segundo os filósofos pré-socráticos, a matéria é o fundamento de todas as coisas e confere a unidade de permanência ao Universo, o qual, na sua aparência, é múltiplo, mutável e transitório.

O paradigma da *phisys* é a vida orgânica, cuja característica expressa a condição do nascer, viver e morrer num processo de contínua repetição. Assim, a natureza existe por si só, eternamente, longe de ser criada ou alterada.

Foi a idéia de *phisys* que facultou a Aristóteles classificar as coisas existentes sob o princípio do movimento e do repouso natural. Para tanto, três tipos de ciências dariam conta de compreender a realidade do mundo: a Matemática, a Metafísica e a Ciência da Natureza.

Durante a Idade Média, no entanto, a tradição judaico-cristã definiu novos aspectos e elementos da noção de natureza: esta, agora, seria obra de Deus. Uma vez que o mundo não surgira espontaneamente, existiria um criador situado fora da natureza. Deus aparece como uma espécie de princípio da velha noção de *phisys*.

Com isso, a cosmologia cristã adotaria uma imagem de natureza completamente diferente daquela dos gregos: de dentro do homem como aquela era externa a ele. Para o novo pensamento, a Natureza é obra da bondade e sabedoria divinas e, como criador e mantenedor de sua criação, Deus seria a causa de todos os processos.

Nos ensinamentos bíblicos, desde os tempos medievais, o cristianismo julgava que a natureza existia exclusivamente para servir aos interesses humanos. Deus havia criado um paraíso terrestre, onde o homem administrava todas as espécies vivas e com elas vivia harmoniosamente até cometer o ‘pecado’ e ser expulso do Jardim do Éden.

Já nas interpretações tardias do século XVI, “o predomínio humano teria lugar central no plano divino: o homem era o fim de todas as obras de Deus. No devido momento, as doutrinas cristãs seriam retomadas para dar força à visão diferente das relações do homem com a natureza (Schwarcs, 2003:8)”.

No século XVII, a experimentação racional seria o grande operador do pensamento científico, que desenvolveu substantivamente o método da observação dos fenômenos naturais iniciado pelos pré-socráticos, mas pouco desenvolvido no mundo medieval.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda fala da visão simbólica de uma natureza redentora que, nos primeiros séculos cristãos, foi desempenhada pelos padres da Igreja e que era “familiar aos homens da era dos grandes descobrimentos marítimos ou mesmo aos do século XVII. Os próprios humanistas, sem embargo de sua repulsa a tantas opiniões cultivadas na Idade Média, pode dizer-se que a favoreceram, mais do que a combateram (Buarque de Holanda, 2000[1958]: 241)”.

A história natural defrontar-se-ia com a necessidade não só de estabelecer os seres vivos num sistema maquinal, mas de ter conhecimento do seu parentesco, suas transformações, as transições entre formas e gêneros que constituem a vida da natureza. Este problema seria solucionado com o surgimento de um paradigma orgânico,

representado pelo pensamento de Diderot, Linné e Buffon, que passou a ocupar a lacuna de investigação sobre a humanidade.

Para esses cientistas, interessava não apenas o desenvolvimento de um corpo orgânico, mas a razão de ser da série inteira, segundo Marcos Silveira. “Nesse sentido, o conhecimento biológico se estruturou como uma crítica à física teórica. (Silveira, 2003:102).”

Ainda o século XVII, a Europa Ocidental tomou conhecimento da existência de orangotangos e chimpanzés, que Linné classificou como *Homo silvestris*, em objeção ao *Homo sapiens*, o homem racional. E a noção de espécie humana converteu-se numa nova síntese perceptível do organismo individual, no plano das idéias científicas propriamente ditas. Como afirma Silveira: “È com Linné que o Homem surge como espécie biológica singular, caracterizada por propriedades naturais particulares, mas de qualquer maneira transformado em um mamífero. (Silveira, 2003:102)”.

Ao desenvolver um sistema científico classificatório da natureza, Linné apresenta a natureza como prova da existência de Deus. Mas há a evolução das espécies que atinge o apogeu com o aparecimento do homem. A natureza se exhibe como um sistema dinâmico. “A história natural do homem, institui-se como uma verdadeira cosmologia científica, uma exploração da natureza dada por razões naturais, numa geologia, numa zoologia e numa noção de evolução, com uma metodologia histórica, estratigráfica, além da matemática... Linné distingue Deus e mundo. (Silveira, 2003:102).”

Para Linné, o mundo é uma criação divina governada pela lei natural, imutável. Mesmo o plano divino, no entanto, era dividido nos reinos vegetal, mineral e animal, culminados no homem. Portanto, sua concepção de evolução era bíblica e sua obra é repleta de citações das Escrituras.

Já Buffon, em sua *Doutrina da Evolução Universal*, critica Linné na sua classificação sistemática admitida até hoje. Buffon desaprova a idéia de gêneros semelhantes e espécies diferentes. Para ele, “só existiriam espécies individuais e as descontinuidades sistematizadas por Linné seriam artificiais. Essa tensão entre ambos

exprime, no fundo, uma tensão epistemológica entre a visão da natureza em sua unidade ou em sua diversidade. (Silveira, 2003:103)”.

Darwin irá resolver essa contestação em favor das teorias céticas do ponto de vista teológico, evidenciando a transformação contínua entre as espécies diferentes. A natureza no século XVIII será vista como um mundo imanente em ação, sobre o qual Deus pairaria: “... Tal superação, todavia, irá permitir que Deus possa ser futuramente, simplesmente descartado. É esse descarte que a teoria de Darwin permitiria realizar, daí seu impacto. (Silveira, 2003: 103)”.

Mas existe também nas ciências naturais a questão do homem mamífero, que irá determinar a mediação entre a razão humana e o organismo humano, adquirindo importância nessa discussão o instinto do homem, à medida que o restringe à classe animal.

É assim que Diderot irá requerer um Homem semelhante aos demais seres do universo e uma natureza administrada por leis universais, que não precisaria “mais de Deus para explicá-la. Como tal, o homem deixou de precisar de Deus para sua autocompreensão e no materialismo de Diderot simplesmente já não havia mais Deus (Silveira, 2003: 103)”.

Ao longo da Idade Moderna, esse papel foi sendo cada vez menos desempenhado por Deus e assumido pelas leis naturais, que começaram a ser desvendadas pelo imaginário da natureza americana, vista pelo europeu com encantamento e impacto pela sua exuberante flora exótica e seus animais desconhecidos.

No velho continente, as informações sobre as riquezas naturais brasileiras chegaram através dos cronistas, que registraram esse encantamento, feito muito mais de relatos e imaginação do que de observações. E foi dessa forma, e pelas mãos dos europeus, que se iniciou a Biologia no Brasil.

A história das viagens clássicas dos portugueses é história dramática da superação heróica não só das dificuldades reais da natureza, mas daquelas incrementadas ou falseadas pela fábula. Assim, os passos essenciais: o terrível cabo Bojador, águas horrendas que de primeiro não se atreveram a cruzar: o do Equador, contra o terror de serem aniquilados ou, pelo menos, de voltarem negros pelo Sol, ou de toparem com a porta do Inferno; o cabo chamado da Boa Esperança depois de bem sucedida a volta do antes chamado cabo das Tormentas. Até que Vasco da Gama alcançou as Índias e lançou as bases do império português no Extremo Oriente (Gaos,1992 *apud* Woortmann, 2004: 22).

A historiadora Maria Elice B. Prestes realizou uma pesquisa identificando os primeiros autores do desenvolvimento da Biologia no Brasil. Segundo ela, numa primeira fase, no século XVI, predominam os relatos de cronistas e missionários. Numa segunda fase, aparecem as “primeiras contribuições verdadeiramente científicas, inauguradas pelos naturalistas da comitiva de Maurício Nassau, no século XVII”. As últimas fases seriam as das “Expedições Naturalistas Estrangeiras do século XIX,” e a da “contribuição nacional ao desenvolvimento da Ciência, a partir da chegada da família Real em 1808. (Prestes, 2000:20)”.

A partir da metade do século XIX, as teorias de Darwin sobre a origem das espécies e o prisma da evolução realizaram uma importante mudança no pensamento ocidental, alterando não só a noção de natureza, mas também a de humanidade. Darwin centrou boa parte de suas observações na América do Sul.

Capítulo II

Visitantes na Terra *Delli Papagá*

Essa fermentação intelectual, agindo em todos os sentidos por sua própria natureza, propagou-se com uma espécie de violência a tudo o que lhe foi oferecido, como um rio caudaloso que rompeu seus diques (D'Alembert, *Elementos de Filosofia*, 1759).

“No Renascimento, a atenção que se pretende dar a Natureza é movida por um interesse distinto. Importa conhecer a ordem universal que relaciona todos em todos os seres e acontecimentos criados. Desde os minerais aos astros do céu, dos vegetais aos animais, dos seres visíveis aos invisíveis, dos homens aos anjos, impõem-se a todos a integração numa unidade harmônica, pois a natureza terrena está inserida no cosmos. É preciso conhecer o seu lugar natural. (Prestes, 2000:26)”.

Não foi pequeno o impacto que a natureza causou nos primeiros europeus que aqui chegaram à época das navegações. Os europeus surpreenderam-se com a quantidade e variedades das novas formas e exuberância da flora e fauna. Mas foi ao longo principalmente do século XVIII que a História Natural expôs com precisão e requereu o inventário como procedimento a ser seguido.

Esse espírito de ‘tempo novo’ regido pela taxonomia e fisiologia fez com que, no século XVIII, houvesse o desenvolvimento da História Natural e surgissem os naturalistas dispostos a percorrer trilhas e campos e florestas.

A natureza foi tomada por grupos de observadores e coletores que se esforçavam para conhecer espécies novas, examinar com atenção seus hábitos e o lugarejo que habitavam, recolher amostras para suas lições de anatomia e classificação. “As descrições foram deslocadas para o domínio da territorialidade”, como observou Prestes. (2000:49).

Klaas Woortmann comenta em seu livro *‘O selvagem e o Mundo Novo’* que se o renascimento pode ser caracterizado como tempo de libertação dos espíritos, mesmo o mecanismo newtoniano iria criar, mais tarde, obstáculos para uma história voltada para o particular (Woortmann, 2004: 205).

Ainda no século XVIII os primeiros esforços para tornar público o conhecimento sobre a natureza seriam ministrados através da criação dos cargos para naturalistas, cujas viagens de exploração os governos passaram a custear.

É importante conhecer a maneira e a situação como os naturalistas desempenharam suas funções, de modo acarretar uma série de mudanças de atitude perante a Natureza.

Marilena Chauí traça um comentário sobre essas funções: “Duas afirmações mostram a diferença dos modernos em relação aos antigos: a afirmação do filósofo inglês Francis Bacon, para quem saber é poder, e a afirmação de Descartes, para quem a ciência deve tornar-nos senhores da Natureza. (Chauí 1995 *apud* Prestes, 2000: 51)”.

A ciência moderna origina-se, portanto, da idéia de sobrevir na natureza: “conhecê-la para apropriar-se dela, para controlá-la e dominá-la. A ciência não é apenas contemplação de verdade, mas é, sobretudo, o exercício do poderio humano... (Chauí, 1995 *apud* Prestes, 2000: 51)”.

Em uma sociedade na qual o capitalismo está emergindo, “para acumular o capital, deve-se ampliar a capacidade do trabalho humano para modificar e explorar a Natureza, nova ciência inseparável da técnica. (Chauí, 1995, *apud* Prestes, 2000:51)”.

Assim, em 1772, ocorreu a reforma nos Estatutos da Universidade de Coimbra, e, em 1779, a formação da Academia das Ciências de Lisboa, marcando o ingresso das Ciências Físicas e Naturais no país português, abrindo-se Portugal para as ciências modernas.

Os novos Estatutos da Universidade de Coimbra aprimoraram a Faculdade de Filosofia Natural, que se apresentou contando com os cursos de Filosofia Racional e Moral, no primeiro ano; História Natural e Geometria na Faculdade de Matemática no segundo ano; Física Experimental no terceiro ano; e Química/Teoria e Prática no quarto ano. Os egressos foram chamados Naturalistas.

Com essa formação, esses egressos naturalistas vinham à Colônia, com o trabalho de “coletar, nomear, descrever, analisar e explorar as riquezas naturais de todas as terras do Reino, para fomento do comércio ultramarino em benefício de Portugal. (Prestes, 2000:74)”.

Nas viagens de pesquisa, o filósofo naturalista deveria ter muita paciência em observar cuidadosamente e relatar as suas impressões, havendo a “necessidade dos Diários e método de os fazer, do conhecimento físico e moral dos povos, dos rios, fontes minerais e lagoas, do reino das plantas, do reino animal e outros tópicos ligados a métodos de classificação. (Munteal,1993, *apud* Prestes, 2000:88)”.

Também deveria ter sempre consigo o que seria indispensável a um naturalista para executar o seu trabalho de pesquisa: “livros e cartas geográficas, lentes, microscópicos, óculos, tenazes para apanhar cobras e outras para insetos, armações para apanhar borboletas, conchas, corais, martelos, machados, escopos, limas, serrotes, anzóis, espingardas, escalpelo, navalhas, tesouras, alfinetes, e agulhas, sondas para o mar e lagoas. (Munteal,1993. *apud* Prestes 2000:78)”.



Figura 01: Frontispício alegórico da Viagem Filosófica, no qual, supostamente, Alexandre Rodrigues Ferreira aponta o mapa do rio Amazonas, Madeira, Branco e Negro.

As memórias redigidas das viagens filosóficas retratam as várias expedições efetuadas nas colônias portuguesas, como Angola, Moçambique, Cabo Verde, e Brasil, e exercem grande fascínio.

O fascínio exercido por esta terra chamada Brasil motivou um processo de edenização de seus habitantes nus, de costumes que praticavam o canibalismo e a poligamia.

A historiadora Maria Helena P.T. Machado, em seu artigo “*The Nature of the Tropical Nature Brazil through the Eyes of Willian James*” (2005), tece um comentário sobre a relação simbólica do Brasil e suas maravilhas geográficas, observável, aliás, desde a carta de Pero Vaz de Caminha primeiro cronista a comunicar ao Rei de Portugal sobre as “terras novas mais tarde denominadas de brasis e que se deleitou em descrevê-las em traços edênicos, nelas sublinhando especialmente a presença de inocentes adões e evas nus e amigáveis, ao brindar a nova terra com uma peça de boa literatura e muito encantamento parecia estar nos destinando a sermos natureza. E só natureza (Machado, 2005)”. Estabelecendo-se, assim, uma ligação intrínseca entre o homem não corrompido pela ‘civilização’ e o indígena decorado em um ambiente tropical.

A paixão dos filósofos naturalistas, o seu desejo ou aversão, a dor e o prazer, movimento irregular do espírito animal, como no vocábulo da Enciclopédia Francesa de Diderot e D’Alambert, tocaram as experiências e as idéias dos homens de letras e da sociedade imperial portuguesa e marcaram as viagens de observação e de posse dos territórios coloniais.

Viagens filosóficas que originaram uma diversificada documentação eram viagens oficiais realizadas por funcionários da Coroa, doutores formados em Coimbra, com o objetivo de observar, delimitar e descrever tudo o possível para melhor administrar e enriquecer.

O enriquecimento da Coroa estava em jogo, assim como o enriquecimento das ciências. Nas missões oficiais, as viagens de início duravam anos repletas de transtornos. Problemas com as hospedagens ou com as sociedades que recebiam os viajantes, problemas com transportes nas travessias de rios e cachoeiras, com o grupo que acompanhava as expedições , problemas de saúde são experiências comuns em vários documentos que relatam tais viagens.

Mary Louse Pratt chama atenção para o fato de os naturalistas serem os próprios “*Olhos do Império*”, no processo de construção da História Natural “em um empreendimento que concretizou em vários aspectos a vida material e social. (Pratt, 1999:62)”.

No entanto, Pratt ressalva, no nível da ideologia, que a ciência como assinalada por Buffon - “a descrição exata de tudo”- produziu um imaginário global que excedia o comércio: “Ela funcionou como um espelho rico e multifacetado no qual toda a Europa pôde projetar a si mesma como constituindo um processo planetário em expansão, enquanto abstraía dessa imagem a competição, exploração e violência acarretadas pela expansão comercial e política e pelo domínio colonial .(Pratt, 1999:71)”.

Por meio dessa política de domínio colonial, em diferentes tempos, os naturalistas Alexandre Rodrigues Ferreira e Johannes Natterer, abordados a seguir, realizaram suas viagens exploratórias e coletaram, classificaram e enviaram os seus materiais para os museus.

Naturalistas Ornitológicos do Século XVIII ao Século XIX

Mas se a presença do papagaio não é bastante para impregnar de significados sublimes a natureza do Novo Mundo, sempre existiriam aqui espécies animais capazes de competir vantajosamente com muitos ‘hieróglifos’ reais ou fictícios, consagrados por uma tradição imemorial. Se eram famosos os papagaios pela extrema longevidade que muitos lhe atribuíam, ainda mais longa, e a bem dizer, imorredoura era a ave fênix. Restava saber, no entanto, se o que parecia ficção no velho não seria no Novo Mundo uma realidade visível e tangível. Não era de admirar que, numa natureza tão chegada a Deus e vizinha do Paraíso, certas figuras, como a da fabulosa ave da Arábia, parecesse, por mais uma vez, ganhar corpo. (Buarque de Holanda, 2000[1959]:260).

A exuberância do Novo Mundo torna-se emblematizada por suas aves, como aponta acima o relato do historiador Sérgio Buarque de Holanda. A ornitologia é uma parte da zoologia que estuda as aves e tal estudo científico sempre despertou interesse, porque a ave é uma das espécies animais de maior variedade. Também o seu vôo, seu comportamento sempre inspiraram ao homem muitas indagações.

No tempo das descobertas, levar para Europa animais desconhecidos, especialmente aves, era para os viajantes motivo de altivez, pois os animais vivos eram mais atraentes do que os relatos dos cronistas, tantas vezes insuficientes ou utópicos.

Muitos animais desconhecidos que chegavam aos cientistas da época através dos navegantes não indicavam sua procedência e todas as aves aprisionadas eram vendidas como *souvenir*. Os europeus se impressionaram muito com os papagaios, as primeiras aves citadas do continente brasileiro: “Ora, nenhuma agudeza sublime, e ainda menos divina, poderia derivar-se da figura de uma ave falante que se serve de palavras simplesmente humanas, ou antes, que oferece um eco, mais ou menos grosseiro, das palavras dos homens. (Holanda, 2000[1958]: 260)”.

As aves sempre exerceram certo encantamento nos pesquisadores e, portanto, “entra nisto algum mistério, que explica talvez a inclusão da mesma ave na fauna parasidíaca, se ela própria fora, até certo ponto, consagrada por alguns escritores clássicos e não só por naturalistas. (Holanda, 2000[1958]: 260)”.

Dos primeiros mapas do Brasil delineados pelos portugueses na época dos descobrimentos constaram araras ostentosas. Helmut Sick, ornitólogo alemão radicado no Brasil, cuja obra será abordada adiante, comenta que: “Às vezes, as pinturas são fontes precisas para se conseguir, muito antes de um registro científico, uma boa documentação sobre a fauna e a flora, sobretudo numa época (começo do século XVI) na qual ainda não se conhecia a técnica de conservar aves e outros animais. Aves tão pequenas como beija-flores eram assim documentadas. (Sick. 1982:45)”. O historiador Jean Luiz Neves Abreu comenta que:

Essa visão classificatória da natureza desenvolvida ao longo do século XVIII, própria de uma ciência fundada em bases racionais, coadunava-se com a empírica e, ao mesmo tempo, com a idéia ordenada por Deus de que minerais plantas e humanos viviam em harmonia ordenada pelo criador. Assim pensava o próprio Lineu. Mesmo com o desenvolvimento do naturalismo em Portugal em fins de setecentos, os viajantes naturalistas ainda trazem em sua bagagem a herança do maravilhoso, herança que, aliás, irá permanecer no século XIX. (Abreu, 2004:8).

Dentre os naturalistas que iniciaram os estudos de aves no Brasil, um primeiro destaque deve ser dado ao filósofo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que nasceu em Salvador, Bahia, em 27 de abril de 1756 e foi considerado por muitos como o primeiro zoólogo luso-brasileiro. Em algumas bibliografias, ele também é citado como geógrafo, antropólogo, etnólogo e naturalista.

Com apenas 14 anos, foi a Portugal em 1770, lá cursando a Faculdade de Filosofia. Terminando o curso em 1778, teria sido assistente e discípulo de Domingos Vandelli¹. Lecionava História Natural na Universidade de Coimbra e ao concluir seu doutorado foi indicado para chefiar uma expedição filosófica que deveria inventariar os recursos naturais onde os interesses mercantis da Coroa portuguesa estivessem inseridos.

“Seria o início de um grande trabalho de pesquisa da fauna, flora e minerais do Brasil, por meio de uma vasta expedição empreendida sob o seu encargo.” Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1783, pôs-se a caminho para essa que seria a maior expedição de caráter científico “empreendida pela Coroa Portuguesa em solo Brasileiro. (Prestes, 2000:81)”.

Mesmo estabelecendo alicerces pouco seguros do seu domínio, os portugueses mantinham o fluxo regular por regiões e as expedições interessavam-se pela manutenção das fronteiras na expansão das relações comerciais. Nessa época, a mercadoria mais cobiçada, juntamente com as drogas do sertão, era os indígenas.

Assim, na realidade, a expedição do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira não possuía uma especificidade científica, porque, vale ressaltar, mesmo com todo o seu entusiasmo pela descoberta do ‘novo’, fora convidado pelo governo colonial português para conhecer o potencial econômico da colônia.

¹ Em 1720, o Marquês de Pombal nomeou Domingo Vandelli para lecionar Química e História Natural, na Universidade de Coimbra. Vandelli manteve contato frequentemente com Lineau, cujas influências delinaram-se em seus estudos, coletas de produtos naturais, viagens efetuadas pela Itália, que culminaram na criação do Museu de História Natural em Pádua, em 1763. Coube a Vandelli a formação de uma geração de naturalistas que deveria promover o desenvolvimento em Portugal (Prestes, 2000: 74).

Contando com poucos recursos, a Viagem Filosófica percorreu as capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, entre 1783 e 1792. O grupo era composto de um naturalista, um jardineiro botânico, Agostinho do Cabo, e dois riscadores (desenhistas), José Codina e José Joaquim Freire.

Ao término da viagem, regressaram a Lisboa apenas um riscador e o naturalista; Agostinho do Cabo e José Codina não haviam resistido ao infortúnio da floresta tropical. Além do trabalho de coletar, classificar e preparar os materiais para embarque a Lisboa, Alexandre Rodrigues Ferreira e seus ajudantes deveriam fazer um levantamento sobre a produção agrícola, confecção de mapas populacionais, investigar as condições materiais das vilas e fortalezas designadas para suportar invasões estrangeiras.

A viagem filosófica teria a célebre incumbência de revelar elementos ocultos e desconhecidos do povo. Alexandre Rodrigues Ferreira observou a natureza e as comunidades indígenas como um naturalista do século XVIII, mas também como um fiel funcionário da Coroa Portuguesa.

O naturalista descreveu inúmeros animais e plantas, sem realizar nomeações segundo as normas da ciência europeia do século vigente. Sua inquietação ficou em ressaltar a natureza amazônica, que poderia resultar em lucros para a metrópole portuguesa .

Em seu diário, fez anotações sobre os problemas da agricultura e a carência de mão-de-obra na Amazônia. Os índios eram escravizados e usados como trabalhadores na agricultura e rotulados como preguiçosos e resistentes à civilização. Nos seus relatos sobre os indígenas da Amazônia, salientou as armas de guerras, o utensílio de barro, a construção de moradia e canoas, mas não se preocupou em registrar os ritos nem os mitos das diversas etnias da região.

O naturalista se limitou a identificar algumas tribos já apaziguadas, outras em extermínio, e a alguns relatos sobre os Muras, dados como índios cruéis, que cortavam cabeças e arrancavam dentes de mortos e os preservavam como troféus. Sendo antropófagos, eram considerados bárbaros opostos à agricultura e ao comércio tão importantes para a Amazônia.

Nos seus relatos sobre os Muras, Alexandre Rodrigues Ferreira considerava-os incapazes de pacificação, concluindo que somente lhes restava a aniquilação. Descrevia os indígenas na tradição dos antigos, os cronistas e viajantes dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Dessa forma, predominou em seus estudos a caracterização do biótipo indígena, com a beleza dos corpos, a falta de defeitos físicos, aversão ao trabalho, falta de crença, desconhecimento de Deus, nudez, vida desregrada, e ausência de poder centralizado.

A expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira foi audaciosa para a época do século XVIII e um passo importante para a ciência. Além de ele ter confirmado que as fronteiras brasileiras possuíam navegação fluvial, e que as minas de ouro de Cuiabá poderiam receber as mercadorias através dos rios Madeira e Guaporé, também explorou o rio Tocantins e navegou pelo rio Negro e pelo rio Branco, onde se situavam as fronteiras do Brasil com a Guiana e Venezuela.

A sua equipe coletou e desenhou milhares de espécies desconhecidas de mamíferos, aves e insetos, material coletado que era embalado e enviado regularmente para a instituição que favorecera a expedição, o Real Museu de Lisboa.

Há uma discussão sobre o destino das coleções reunidas pelo naturalista, cujos materiais foram cedidos ao Museu de Paris, onde Geoffroy Saint Hilaire os elaborou, não havendo saque na ocupação francesa pelas tropas de Napoleão em 1808.

Ao que parece, houve uma doação, pois a remessa de materiais já vinha sido executada antes da invasão napoleônica e com autorização local. O material enviado se encontrava em péssimo estado de conservação, tendo sérios problemas com as suas etiquetas de coleta.

Geoffroy Saint Hilaire inventariou este material em Paris, o que o teria livrado da perda total. Um benefício para o conhecimento científico, pois algumas aves desconhecidas da ciência foram logo classificadas, tendo as outras espécies novas da coleção descuidada em Lisboa vindo a deteriorar-se.

Mais tarde, na Amazônia, foram os espécimes coletados novamente, perdendo assim o Brasil a prioridade. “As vicissitudes por que passou o naturalista durante os nove anos da expedição, pelo extravio de suas remessas a Portugal e pelas condições do seu próprio retorno, têm sido indicadas pelos comentadores como justificativa da ausência de uma análise científica mais rigorosa em sua obra. (Prestes, 2000: 84)”. Suas descobertas foram apropriadas por outros e ele morreu doente e esquecido.

O Fascínio da Natureza do Século XIX

No decorrer do século XIX, as sociedades científicas européias, os museus e as academias de ciências executaram o papel de financiadores e de difusores das descobertas das expedições naturalistas.

A História Natural era ainda a ciência da descrição e da classificação, por oposição à procura de leis. O sentido da expressão História Natural concentrava-se no estudo da natureza em todas as suas revelações, dentro de um dos vários sentidos que ocorrem quando se fala sobre Natureza: uma coisa é natural quando se opõe à reflexão, à obrigação, ao artifício, ao humano, ao divino e ao espiritual.

O naturalista é aquele que vive no meio da natureza, por contraste com o físico, que se enclausura no laboratório. O termo História ficou inadequado à sua função, conforme os estudos foram avançando com as generalizações e leis, passando a disciplina a ser Ciências Naturais.

No entanto, a observação e a catalogação haviam reduzido a distância entre o objeto e a linguagem: “aproximara a linguagem do olhar observador e as coisas observadas das palavras. (Foucault, 1966:144)”.

Em artigo recente, a antropóloga Lilia K.M.Schwarcz expressa bem o fascínio exercido pela natureza brasileira sobre os viajantes naturalistas: “Se não tínhamos castelos medievais, igrejas da antiguidade, ou batalhas heróicas a serem lembradas, possuíamos o maior dos rios, a mais bela vegetação tropical. Entre palmeiras, abacaxis e outras frutas tropicais, apareciam representados o monarca e a nação, destacando-se a exuberância de uma natureza sem igual. (Schawarcz, 2003:17)”.

Assim, no início do século XIX, existia ainda um intenso interesse de conhecer os países latino-americanos, o que se concretizou com a vinda de Alexander von Humboldt² a este continente. Chegando em 1800, com o botânico Bompland, pelo Cassiquiare ao rio Negro, foi proibido de penetrar no Brasil por decisão da coroa em Lisboa. (Sick,1982:49).

Alexander von Humboldt possuía um grande interesse por aves e retornou ao Brasil em 1854, já idoso, com 85 anos de idade. Nesse intervalo, muitos naturalistas visitaram o país, principalmente depois da abertura dos portos em 1808.

Muitas coleções dessa época foram financiadas por condes, barões³, príncipes, imperatrizes. Em 1817, chegaram ao Brasil Johannes Natterer e Johann Baptist von Spix, zoólogos, e Carl Freidrich Philip von Martius, botânico. Vieram acompanhando a princesa D.Leopoldina em uma expedição científica.

² “O Cosmos de Humboldt”, do escritor alemão Gerard Helferich, mostra como o naturalista levou de volta para a Europa mais de 60 mil espécies de plantas e inúmeros animais do Novo Mundo.

³ Coincidentemente, José Hidasi no século XX e XXI, teria seu trabalho subsidiado por um barão, Rodolfo Rohr, que nasceu em 18 de julho de 1926, em Dorog, na Hungria, e chegou ao Brasil em 1949.

Johannes Natterer foi o que mais tempo ficou no Brasil, sempre coletando, pesquisando por 18 anos. Johannes Natterer nasceu em nove de novembro de 1787, em Laxenburg, pequena cidade ao sul de Viena, Áustria. Era filho do falcoeiro imperial Joseph Natterer, cujo interesse era colecionar insetos e aves.

Tendo montado expressivo acervo de História Natural, com o mesmo entusiasmo Johannes Natterer estudou Química, Anatomia e História Natural nos institutos de ensino superior vienenses, onde também aprendeu a arte da taxidermia, do desenho e a lingüística.

Participou de extensas excursões científicas na Hungria, na Dalmácia e na Itália, tornando-se um perito em sua especialidade. Pelos serviços prestados em 1816, foi nomeado para o cargo de assistente da Coleção Zoológica Imperial, função que o fez conhecido na comunidade científica e política local, facilitando-lhe o convite para integrar a missão austríaca de naturalistas ao Brasil. O naturalista e zoólogo suíço Emílio Goeldi⁴, que assumiu a direção do Museu Paraense em 09 de junho de 1894, escreve sobre Johannes Natterer :

O mais zeloso e o mais fecundo colecionador zoológico que pisou a América do Sul. Não o julguem pelo número de livros por ele publicados, pois são poucos - também não o julguem pela pequena ou nenhuma importância, que acaso lhe diga qualquer dicionário ou enciclopédia daqueles que vos caia primeiro às mãos na biblioteca que mais próximo for, pois os respectivos autores, por via de regra, o desconhecirão (Goeldi, 1896: 189:213).

⁴ O governador Lauro Sodré mandou vir, do Rio de Janeiro o naturalista Emílio Goeldi, demitido do Museu Nacional por questões política após a proclamação da República. O zoólogo suíço assumiu em 9 de junho de 1894 a direção do Museu Paraense. Teria irrestrito apoio do governador para transformá-lo num centro de pesquisa de renome internacional.

A forma com que preparava seus materiais, o cuidado com sua técnica da taxidermia, sua classificação arrancaram os elogios e a admiração de Auguste Saint Hilaire⁵, que se encontrou com Johannes Naterrer em Ipanema, São Paulo, quando escreveu: “Era impossível deixar de admirar a beleza de suas aves; não vi uma só gota de sangue. (Sick, 1982:52)”.

Emilio Goeldi escreveu na bibliografia que deu a Johannes Naterrer sobre a nitidez daqueles que trilham os caminhos estreitos que o naturalista percorreu e que “alguma afinidade possuem para as predileções científicas e para o rumo específico da ocupação intelectual e estes são poucos. Dá-se com Johannes Natterer o mesmo que com o arquiteto que morre, deixando de um grande e complicado edifício apenas prontos os alicerces: quantos terão os conhecimentos profissionais e o poder mental para adivinhar o plano geral do seu todo e nos seus pormenores? (Goeldi, 1896: 189:217).”

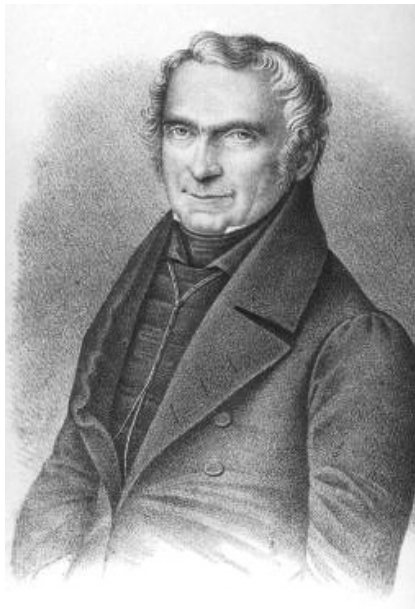


Figura 02: Johannes von Natterer .(Ramirez, 1968).

⁵ August de Saint-Hilaire nasceu em Orléans, a 4 de outubro de 1779, na França. Quando Saint-Hilaire chegou às costas brasileiras, em 1816, o Brasil estava ainda sob o jugo de Portugal e, indiretamente, sob o jugo inglês. Os relatos de viagem são narrativas que se iniciaram seis anos antes da independência do Brasil, constituindo-se em importante fonte de referência para o resgate da história do Brasil do século XIX. O livro *As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire pelo Brasil e Paraguai*, de Maria Emília Amarante Torres de Lima, 2002, traz dados biográficos.

No Brasil, empreendeu muitas expedições: percorreu o Rio de Janeiro, Paraná, Goiás, Mato grosso, Rondônia, Amazonas chegando até as fronteiras da Venezuela, Roraima e Pará. Navegou pelo Amazonas e seus afluentes: Mamoré, Madeira, Rio Negro, Rio Içana, Rio Branco, chegando a Belém. Coletou várias espécies de animais e plantas, encaminhadas à imperatriz, que se importava com e apreciava os trabalhos dos naturalistas.

Foram enviadas, conforme Helmut Sick, “12.293 aves empalhadas (representando 1.200 espécies), mais de 1.000 mamíferos, peixes, 35.000 plantas secas, milhares de objetos indígenas, etc. Quando um leigo toma conhecimento hoje do volume dessas coleções antigas, fica pasmo. Naquele tempo, porém as coleções grandes eram necessárias para construir as bases das sistemáticas, não havendo ainda o perigo de prejudicar a fauna e flora da região (Sick, 1982:52)”.

Johannes Natterer fazia anotações minuciosas sobre suas coletas, como *habitat*, distribuição geográfica e voz. Sofreu vários estorvos, como saques, doenças, e ataques indígenas, superando todos os obstáculos com sacrifícios. Constituiu família no Brasil, casando-se em Barcelos, no Rio Negro, com a brasileira Maria do Rego, tendo tido com ela três filhos.

Natterer então desapareceu dentro da infinita e insondável selvageria do país quase despovoado. As notícias a seu respeito foram-se tornando cada vez mais fracas. Os despachos alcançavam-no tardiamente, ou não o alcançavam. A doença do clima mortal dominou-o. Chegou mesmo a perder o seu único companheiro e parecia que a floresta ia encerrá-lo para sempre. Mas ele fazia coleções, caçava, preparava peças, empacotava-as; apesar de ter estado muitas vezes doente e quase morto, nem um só momento pensou em desistir. É difícil imaginar-se hoje em dia o que tal expedição enfrentou naquele tempo, e quanto de energia e sacrifício exigiu dos exploradores. Natterer só apareceu de novo, em Goiás, em agosto de 1823. (Ramirez, 1968).

Em nove de novembro de 1835, regressou à Europa. Entre 1838 e 1840, realizou viagens ao norte da Alemanha, Dinamarca, Suécia e Rússia, também ao sul da Alemanha, França, Inglaterra e Holanda.

Faleceu em 17 de junho de 1843. A maior parte de suas anotações perdeu-se em um incêndio em 1848. No Museu de Viena consta uma coleção de aves obtidas no Brasil, sob cuidado do *Naturhistorischen Museum* na Áustria.

Ele planejava fazer uma obra crítica sobre a ornitologia mundial, da análise ao estudo de campo, colhendo os devidos materiais documentais, imprescindíveis à Biologia. Foi chamado de *prince of collectors* pelo famoso ornitólogo Philip L. Sclater do Museu Britânico.

Existiram ainda outras expedições contemporâneas ligadas à ornitologia, como a de Spix e Martius, os mais mencionados no campo das ciências, e nelas destacam-se o príncipe Maximilian von Wied Neuwiede e dois zoólogos franceses, Conde Fancis Castelnau e Emille Deville, entre tantos outros.

Visão Encantada da Natureza a Partir das Lentes dos Naturalistas do Século XX

Naquele tempo, no Brasil ainda próximo de Júlio Verne, São Paulo não havia perdido completamente a memória de seu passado pioneiro. A floresta virgem, aliás, continuava sempre lá, nas encostas do planalto, que poucas dezenas de quilômetros da cidade, cai abruptamente no mar. Em 1935 encontrava-se no comércio mapas geográficos de menos de vinte anos, nos quais todo o oeste do estado era deixado em branco com esta única menção: território desconhecido habitados pelos índios. (*Claude Lévi Strauss, Saudades do Brasil*).

‘O Brasil é um país abençoado por Deus e bonito por Natureza’. Ouvimos as nossas belezas serem cantadas em música e em poesia, como a ‘Canção do Exílio’ de Gonçalves Dias: “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá. (*Primeiros Cantos, 1847*)”.

Desde a nossa infância, estamos habituados a identificar nossa pátria pelas belezas generosas de nossa geografia e, como diz Roberto DaMatta, “Trata-se de uma visão de natureza passiva, um domínio imanente e generoso – a mãe dadivosa. (DaMatta, 1981: 98, *apud* Schwarcz, Lílian)” . Florestas tropicais com seus imensos rios soberanos, nossa fauna e flora cuja diversidade são bênçãos de Deus.

Por isso, no século XX, não podemos ignorar um grande número de naturalistas nas suas mais variadas atuações no coração das comunidades indígenas em histórica interação com a sociedade ocidental: “O que se destaca é uma visão encantada de natureza, lida a partir de lentes naturalistas que estetizam o fenômeno e abrem mão de ambientes históricos e conflitos sociais. Por isso mesmo que estes tais autores, apesar de tão pegados à sua imaginação, muitas vezes cedem espaço ao didatismo que confere ao romance e à pintura credibilidade necessária. (Schwarcz, 2003:28)”.

A antropóloga Regina de Abreu também salienta que o “Brasil era palco de viagens e excursões de naturalistas estrangeiros que aqui coletavam vestígios de culturas em extinção. Evidentemente, consideravam que esses vestígios estariam mais bem preservados nos museus metropolitanos. (Abreu, 1996:163)”.

Dentro desta visão encantada da Natureza, os cientistas estrangeiros vinham aqui exclusivamente para coletar, comparar, classificar, segundo tradição naturalista européia. A primeira naturalista a ser destacada é Emilie Snethlage e em seguida Helmut Sick, ambos ornitólogos que, apesar de nunca se encontrarem, possuíam a mesma paixão, que era as aves.



Figura 03: Doutora Emilie Snethlage. Fonte: Sick, em 1982.

Inspirou respeito aos selvagens pela sua personalidade, bondosa, mas enérgica e estimada, pelos cabelos longos e cheios, pretos, dando-lhe uma dignidade igual a um cacique. (Sick, Helmut, 1982:56).

A doutora Emílie Snethlage chega ao Brasil com 37 anos, em 1905, vinda da Alemanha a convite de Emílio Goeldi para trabalhar no Museu de Belém. Nascida em 1868, na província prussiana de Brandenburg, era a segunda dos quatro filhos do casal Emil (pastor) e Elizabeth.

Com o falecimento do pai, Emílie trabalhou na Alemanha, Suíça, e Inglaterra, encarregada da educação de meninas de famílias ricas. Provavelmente esse trabalho custeou seus estudos em História Natural em Berlim, Jena e Freiburg.

Foi uma das primeiras mulheres a concluir o *Ph.D.* na Alemanha em 1904, tendo trabalhado no Museu de Berlim. Assumiu em 1914 o cargo de chefe de Zoologia e Diretora do Museu Paraense.

Sua paixão pelo seu trabalho no serviço de campo fez com que viajasse para locais de difícil acesso da Amazônia à procura de espécies ainda não classificadas ou que necessitavam de maiores confirmações. Era naquele tempo um serviço penoso. A antropóloga Mariza Corrêa redigiu um artigo apresentando um retrato da naturalista Emílie Snethlage. Ao desembarcar no Brasil, o seu interesse seria pesquisar objetos pouco conhecidos.

Em suas travessias, conta a antropóloga, costumava levar só o taxidermista. “Uma vez contou que estava deitada numa rede e viu chegarem vultos; assustou-se e fechou os olhos. Os índios com quem estava viajando tinham vindo fazer uma cobertura sobre sua rede para o caso de chover. Emílie comentava: se fossem brasileiros ou alemães, eles iam me deixar apanhar chuva a noite toda. (Corrêa, 1995:38)”.

Emílie Snethlage não apreciava grandes expedições e viajava sempre com alguns tropeiros e remadores. Helmut Sick comenta que, certa vez, um cientista do Museu Nacional quis acompanhá-la em uma expedição ao interior de Goiás, e a resposta dela foi negativa: “Eu, em viagem, só espero por mim. Tinha uma linguagem sóbria e simples. (Sick,1982:54)”.

Por ser muito ativa em trabalhos de campo, procurou as áreas mais inóspitas da Amazônia, e sua bravura é registrada por Helmut Sick: “em 1909, na travessia Xingu-Tapajós, Pará, a expedição lhe deu ensejo, ao lado de amplas pesquisas sobre a fauna e a flora, a corrigir o mapa geográfico da região (rios Iriri, Curá e Jamanxim) e fazer um extenso vocabulário da língua dos Chipaya e Curuahé .Prova mais eloqüente de sua coragem foi quando amputou, ela mesma, com um facão emprestado, o dedo médio de sua mão direita , machucado seriamente por piranhas .(Sick, 1982:56).”

Segundo consta, essa viagem durou quatro meses e o percurso foi feito por guias indígenas. Mariza Corrêa evidencia que o fato de não existir uma ligação fluvial entre os dois grandes rios e a façanha de isso ter sido realizado por uma mulher, seria o menos interessante. Porque o seu relato é um dos textos mais vastos de sua bibliografia: “é parte de um conjunto no qual Emílie registra informações sobre os índios da região, infelizmente o único em português. (Corrêa, 1995:41)”.

Sua severidade extrema e dedicação tornaram Emilie Snethlage um símbolo da cientista de museu, personificando uma característica da tradição naturalista alemã. O museu era o local para onde se retornava depois da pesquisa e coleta, produzindo material para publicação.

Seus materiais, artigos, texto, boletins, jornais, revistas foram enviados para outros países, além de trabalhos de comparações entre as pesquisas realizadas aqui e as realizadas na Europa, numa época marcada por intenso intercâmbio entre os museus nacionais e internacionais.

“Verdade que o que se fazia lá fora era muitas vezes resultados de pesquisas feitas aqui, o Brasil sendo visto então como um imenso laboratório natural, por absurda que pareça a expressão. Emilie parecia compartilhar essa visão. (Corrêa, 1995:38).”

Mas não era só Emilie que compartilhava dessa visão de laboratório natural. Muitos naturalistas que passaram pelo Brasil também a possuíam. Emilie se tornara especial por viver em uma época na qual poucas mulheres chegavam a tomar posse dos cargos em que ela esteve à frente.

Era respeitada por conhecer a avifauna amazônica, essencialmente a região do baixo Amazonas. “Na literatura especializada, era chamada de área da Snethlage (Sick,1982:57)”. Emilie fez parte de nossa história. Além de sua contribuição no campo da ornitologia, era uma talentosa observadora dos nossos indígenas apesar de não ser uma etnóloga, já que não se interessava na preservação de seus costumes ou tradição.

Deixou relatos que demonstraram sua simpatia pelos indígenas. Diz ela que: “com pesar sincero e muita gratidão se separou de seus guias. Aprendi a estimar e amar os índios curuabés como gente essencialmente boa, d’um caráter infantil e amável,dóceis e não destituídos de inteligência, bem dignos d’uma sorte que de tantas outras tribus selvagens que foram mavadalmente aniquiladas por uma civilização nem sempre superior sob o ponto de vista moral aos seus costumes primitivos. (Snethlage *apud* Corrêa, 1995:43).”

É compreensível o pessimismo expresso por Emílie Snethlage, considerando a tradição naturalista na qual estava inserida. Segundo Marshall Sahlins, no entanto, o risco tão propalado pelos etnógrafos contemporâneos a pesquisadora alemã não teria verificado, visto que a “cultura não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal da antropologia tampouco, aliás, enquanto preocupação fundamental de todas as ciências humanas (Shalins,1997:41)”. São muitos os naturalistas que demonstraram esse sentimento pessimista em relação aos indígenas e à Natureza, como veremos a seguir com Helmut Sick e José Hidasi.

Para a questão desse pessimismo expresso pelos observadores, podemos considerar que a cultura “perde, e já perdeu parte das qualidades de substância natural adquiridas durante o longo período em que a antropologia andou fascinada pelo positivismo. (Shalins,1997 :41)”.

Contudo, não se pode abandonar essa ‘cultura’, sob a tristeza de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: “a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados-significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. (Shalins,1997:41)”..

Mais do que simpatia com os indígenas, Emílie Snethlage demonstrou-lhes gratidão pela ajuda que recebeu em suas viagens, embora em suas descrições as comparações mereçam análise. Disse ela: “Os índios são como pássaros: interessantes pelos seus adornos coloridos, sua linguagem exótica, merecem ser catalogados, mas sua perspectiva, o seu modo de estar no mundo, é secundário, já que provavelmente vão se integrar à civilização, ou desaparecer. (Emílie *apud* Corrêa, 1995: 44)”. Muitos naturalistas se refeririam ao som da linguagem dos indígenas, comparando-a sempre com os sons emitidos por pássaros, como se não houvesse cultura.

Klaas Woortmann nos chama a atenção para isso: “Em muitos relatos, os ameríndios eram descritos de maneira não muito distinta. A descrição dos “naturais” remetia à imagem do selvagem medieval: assemelhavam-se a animais pela ausência de linguagem. (Woortmann,2004:69)”.

É o que lembra o comentário de Elliot: “Num memorando elaborado para o conselho eclesiástico de 1585, o Dr.Ortiz de Hinojosa, da Universidade do México, descreveu algumas das linguagens da Nova Espanha como sendo tão inacessíveis que pareciam ter sido introduzidas não pelo homem, mas pela natureza, como ruídos iletrados de pássaros ou animais brutos que não podem ser transcritos com qualquer tipo de letra e quase não podem ser pronunciados por serem excessivamente guturais. (Elliot, 1972, *apud* Woortmann, 2004:69)”.

O antropólogo Klaas Woortmann (2004), em seu estudo sobre a categoria Selvagem como referência para o pensamento ocidental, aponta o seu surgimento em período anterior ao descobrimento do Novo Mundo.

Segundo o autor, o Selvagem “esteve presente desde a Antiguidade, quando podia ser aplicada pelos gregos, por exemplo, a certos povos bárbaros, como os citas. Além dos povos considerados selvagens, havia também o que se poderia chamar de selvagens místicos, por vezes associados aos próprios heróis gregos, como a relação entre Hércules e centauros. (Woortmann, 2004: 10)”.

Neste sentido, os combates entre heróis e centauros já podem ser considerados “metáforas das guerras contra bárbaros tidos como selvagem”. Outros seres, como cinocéfalos, gastrópodes e mais uma grande variedade de “seres teratológicos” povoavam o universo simbólico relacionado ao selvagem.

Os selvagens teratológicos, naturalmente dotados de “características físicas ‘abomináveis’, possuíam costumes reprováveis, como o nomadismo, que se opunha à pólis grega, ou viver em florestas ou desertos, isto é, no agrios, área não cultivada. Tais povos seriam os habitantes da eschatiá, o limite do mundo. (Woortmann, 2004:10)”.

Mesmo sendo decretada a humanidade dos ameríndios através da “Bula *Sublimis Deus*, boa parte da humanidade continuava, pois, a ser localizada em algum ponto entre o humano e o animal, ou simplesmente definida como animal. (Woortmann, 2004:69)”.

Em 1917, quando o Brasil entrou na 1ª Guerra, Emílie Snethlage foi afastada da direção, mas continuou a trabalhar no Museu Emílio Goeldi. Com as perseguições aos alemães, foi impedida de trabalhar.

Recolocada no cargo de direção do Museu após um ano, ficou nele pouco tempo, pois houve denúncia de que ela autorizara a distribuição de sobras de alimentos destinados aos animais a alguns funcionários de baixa renda, que era uma época de carência e os animais nada sofreriam.

Aceitando o convite de Bruno Lobo, transferiu-se para o Museu Nacional. Foi naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro de 1922 a 1929. Visitou o Maranhão, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, em 1927; Goiás, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, em 1928; e a Serra do Caparaó e o rio Madeira, em 1929.

Em 1926, tomou posse na Academia Brasileira de Ciência como membro correspondente. Descreveu aproximadamente 60 espécies e subespécies novas de aves. Quando se preparava para mais uma excursão ao Rio Madeira e travando uma luta contra a malária que apanhara desde 1909, Emilie Snethlage faleceu em 25 de novembro de 1929, de enfarte, em Porto Velho.

Nos anos 30, o Brasil percebia a necessidade de leis que regularizassem as expedições: “A urgente necessidade de uma lei reguladora das Missões Científicas Estrangeiras no Brasil foi posta em nítida evidência pelo Exmo.sr. General Rondon⁶(Projeto de Lei regulando as missões científicas estrangeiras no Brasil. *Apud* Grupioni,1998:49)”.

⁶ Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em Mimoso, no Mato Grosso, em 5 de maio de 1865. Em 1910, organizou e passou a dirigir o Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 5 de maio de 1955, data do seu aniversário de 90 anos, recebeu o título de Marechal do Exército Brasileiro, concedido pelo Congresso Nacional. Sobre a sua trajetória de vida consultar o livro “*Perfil de Marechal Cândido Rondon*”.Ed. Germânica Ltda, 2004.

Mas a cobiça e a curiosidade de estrangeiros pelo Brasil, seja por suas 'belezas naturais', como a fauna e flora desconhecidas e não catalogadas, ou ainda a sua população indígena, na qual se observa uma enorme diferenciação, continuaram chamando a atenção de pesquisadores.

Luis Donizete Grupioni, pesquisador e indigenista, realizou uma investigação nos arquivos do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, sediado no Rio de Janeiro, e observou que, “a bem da verdade, desde os tempos coloniais havia um fluxo constante de estrangeiros desbravando o território brasileiro, e sobre esse fluxo sempre se procurou exercer alguma forma de controle (Grupioni, 1998: 53)”.

Já no início do século XX, a questão que se levantava “era dar ao Estado o monopólio da decisão sobre a circulação de estrangeiros e sobre a proteção dos bens do país e regular o comércio de artefatos indígenas (Grupioni, 1998:53)”. Em 1932, organizou-se uma comissão cuja função era elaborar uma proposta de legislação para regularizar as incursões no território brasileiro.

(...) a mentalidade já mudou: a criação do Conselho de Fiscalização, do Conselho de Caça e Pesca vem mostrar que a exploração da terra vai se processando à margem de normas, visando proteção à sua economia e à documentação científica e artística que nela se encontra (Dona Heloisa Alberto Torres, Palestra, 1936 *apud*, Grupioni, 1998:64).

Foi em 11 de maio de 1933, com o Decreto nº.22698, que Getúlio Vargas encarregou o Ministério da Agricultura de submeter a atenta vigilância as expedições nacionais e as estrangeiras realizadas em território nacional.

O Conselho funcionou de 1933 a 1968, fiscalizando as expedições científicas efetuadas por pesquisadores estrangeiros ou por brasileiros não instituídos por vínculo a uma instituição.

Conforme o Decreto acima citado, no art.1, as missões estrangeiras teriam a obrigação de “solicitar autorização por intermédio do Ministério das Relações Exteriores e todas as missões autorizadas seriam acompanhadas por expedicionários brasileiros, designados pelo governo e de acordo com a natureza da expedição, cabendo ao Estado custear as despesas de seu acompanhante quando a expedição fosse julgada de interesse nacional, ou pelos expedicionários. (Grupioni, 1998:54)”.

O expedicionário ou pesquisador, fosse ele nacional com ou sem vinculação institucional ou estrangeiro, deveria submeter o seu projeto ao Conselho que documentava suas atividades e lhe concedia autorização para a pesquisa. O Conselho criou as figuras de conselheiros e consultores muitos ligados às instituições de pesquisa no país.

Tais conselheiros e consultores passaram a opinar, vetar e autorizar as expedições científicas. Com isso, o Conselho passou a legitimar o pesquisador nacional. Com o decreto, ficou proibida a exportação de “qualquer bem natural, histórico, legendário ou artístico do país sem autorização do governo e de qualquer espécime botânico, zoológico, mineralógico e paleontológico, a menos que existissem similares nos institutos científicos ligados ao Ministério da Agricultura ou Museu Nacional (Grupioni,1998:54)”.

Ficava assim determinado que os expedicionários teriam de encaminhar um pedido de licença confirmando o título e a nacionalidade da expedição, o nome e a profissão dos expedicionários, o itinerário, os objetivos, a duração; as bagagens deviam ser bem discriminadas, assim como o tipo de armas que os expedicionários transportariam, por qual porto pretendiam sair, devendo assumir “os compromissos de cumprir as leis e códigos em vigor no país (Grupioni,1988,54)”.

Muitos dos pesquisadores denominados expedicionários faziam-se acompanhar de mateiros, carregadores, cozinheiros e assistentes, o que levava o Serviço de Proteção ao Índio a discutir não a integridade moral e as intenções dos pesquisadores, mas a de seus acompanhantes, que entravam em contacto com as populações indígenas.

No final dos anos 30, em época bastante tumultuada na Europa, chega ao Brasil o jovem ornitólogo Helmut Sick, e aplica todo o seu fervor ao estudo da avifauna brasileira. “Recém-casado, teve a má sorte de embarcar para o Brasil às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Deixou a esposa na Alemanha e veio embrenhar-se nas matas do Rio Doce, no desempenho de missão científica, resultante de convênio internacional. O Brasil entra na guerra, e todo alemão passa a ser considerado espião perigoso, mesmo em potencial; pelo sim pelo não, é internado na Ilha Grande. Aí, não podendo estudar aves em sua cela, estuda mísero companheiro de solidão: pulgas, percevejos, cupins só destes últimos, identifica onze espécies desconhecidas... (Drumond de Andrade, *apud* Sick,1982: xi)”.



Figura 04: Helmut Sick com os índios Camaiurá no Alto Xingu. (José Hidasi, 1951)

Helmut Sick nasceu em Leipzig, na Alemanha, em 10 de janeiro de 1910. Aos 20 anos, depois de estudar Humanidades, formou-se em Ciências Naturais pela Universidade de Berlim. Kursou sucessivamente as universidades de Königsberg Munique, Leipzig e Berlim.

Em 1934, foi assistente no Observatório Nacional de Ornitologia e, em 1937, obteve seu diploma de doutor (*Ph.D*) ao defender tese sobre a '*Plumagem das aves como unidade aerodinâmica.*' Trabalhou como bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa da Alemanha e, a partir de 1938, como assistente da seção de ornitologia do Museu de Zoologia da Universidade de Berlim, sob a orientação do eminente ornitólogo Erwin Streseman.

Chegou ao Rio de Janeiro em 1º de setembro de 1939, às véspera da Segunda Guerra Mundial, junto com uma comitiva que também contava com naturalistas brasileiros que iriam participar de uma expedição do Museu de Berlim no Brasil. Em companhia de Adolfo Schneider, também alemão, viajou ao Estado do Espírito Santo.

Adolfo Schenneider regressou à Alemanha em 1942. Helmut Sick, porém, veio para ficar. Nem mesmo o honroso convite do Professor Stresemann, para que o sucedesse na direção do Museu de Berlim, o fez mudar de idéia. Com o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e Alemanha por causa da Segunda Guerra Mundial, Sick foi preso por suspeita de espionagem e encaminhado à delegacia de estrangeiros e o seu material recolhido.

Em março de 1942, foi internado na ilha das Flores, na baía de Guanabara e, mais tarde, transferido para o Presídio da Ilha Grande. Tais acontecimentos, no entanto, não abalaram seu espírito de naturalista. Persistiu e continuou estudando os pequenos seres que habitavam um restrito universo “natural” de uma prisão, dentre os quais reuniu 24 espécies, sendo 11 ainda desconhecidas, entre formigas e outros invertebrados. Permaneceu preso por três anos, foi libertado e decidiu viver no Brasil.

MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA	
O grãmbulo contém as seguintes indicações de serviço: origem do telegrama, estação de origem, número de telegrama, número de cobranças, data e hora de apresentação.		CARIMBO DA ESTAÇÃO	DR. F. ASSIS IGLESIAS
Recebido:	De	às	por
PRELAMP		PLN 33 DE VICTORIA ES 323 61 20º 12b	RIO DE JANEIRO
108 ACUSANDO RECEBIMENTO TELEGRAMA COMUNICO		CONSELHO DE FISCALIZAÇÃO DAS EXPEDIÇÕES ARTÍSTICA E CIENTÍFICA DO BRASIL	
VOSSENCIA HELMUT SICK VAI SER ENCAMINHADO ESSA CAPITAL		D. N.º 45	
DELEGACIA DE ESTRANGEIROS POR ISSO SEUS PAPEIS INCLUSIVE		F. N.º 12	
PASSAPORTE NAO SE ACHAM EM ORDEM PT MATERIAL			
APREENDIDO, LOGO SEJA ENCAMINHADO ACORDO			
INSTRUÇÕES VOSSENCIA, DAREI AVISO SAUDAÇÕES ATENCIOSAS			
CELSO CALMON NOGUEIRA GAMA INTERVENTOR			
FEDERAL INTERINO =			
CT		DR. F. ASSIS IGLESIAS 108 HELMUT SICK =====	

Figura 05: Telegrama comunicando a prisão de Helmut Sick ao Presidente da Comissão de Fiscalização da Expedição Artística e Científica no Brasil, bem como a apreensão do seu material coletado em 1942.

Em 1946, contratado pela Fundação Brasil Central, participaria ainda de outras iniciativas, quase todas ao lado dos irmãos Villas-Bôas⁷. Engajou-se na expedição Roncador-Xingu-Tapajós, seguindo a tradição de Spix e Martius⁸, Saint-Hilaire e outros naturalistas. Sua experiência como zoólogo, vivenciando uma região pouco conhecida do Brasil Central, produziu descobertas e conhecimentos sobre a História Natural e a Etnologia, informações científicas e descrições sobre o cerrado, a floresta amazônica, a fauna, a flora, e os índios do Xingu. Sempre encantado, escreveu em seu livro *Tukani* um pequeno histórico dos ornitólogos que por aqui se aventuraram.

Para Helmut Sick, o Brasil chama a atenção do mundo por possuir um interesse especial para as ciências naturais e a Etnologia. Somente aos poucos as fantásticas descrições da época dos descobrimentos tornaram-se evidentes, por intermédio do comércio e da ciência das plantas, produtos vegetais e animais antes desconhecidos. Suas idéias, porém, permaneciam na tradição. Diz ele: “Surgiu assim, em todas as cores, um resplandecente quadro tropical, de plenitude e abundância incomparáveis. Combinava à perfeição com esse quadro o fato de ele ser animado por nativos selvagens, sobre os quais uma dúvida – se eram animais ou seres humanos – era colocada a sério pelos fazedores de sensação. (Sick, 1997 [1957]:5).”

Uma visão um tanto polêmica na maioria dos naturalistas, mas que ‘embalsamada’ desde a Idade Média percorreu os séculos e assumiu o que Klaas Woortmann(2004) descreveu acerca da categoria de selvagem. Na Europa, na época medieval, a literatura era recheada de seres fantásticos da mitologia ou da lenda de conformação extravagante. Segundo ele, “na vertente grega do pensamento medieval, o selvagem, na medida em que seria apenas *silvaticus*, podia ser equiparado a um animal ou a um híbrido, por certo ambíguo, mas não necessariamente mau. (Woortmann, 2004:11)”.

⁷ Os irmãos Villas-Bôas, Orlando, Cláudio e Leonardo, foram sertanistas e indigenistas. Ficaram conhecidos quando participaram da frente de Exploração da Fundação Brasil Central em 1943. Lideraram a Expedição Roncador-Xingu, contactaram povos indígenas desconhecidos, cartografando terras, abrindo pistas de apoio. O livro “*Xingu dos Villas-Bôas*” da editora Metalino traz mais informações interessantes.

⁸ Spix e Martius são os mais citados no campo da ornitologia do Brasil, com a obra *Viagem pelo Brasil nos anos 1817 a 1820*. Os dois viajaram juntos, atravessando grande parte do Brasil. Spix faleceu seis anos após seu regresso, com 45 anos de idade, enquanto Martius teve à sua disposição 48 anos para elaborar seu material trazido do Brasil, tornando-se um dos cientistas mais conhecidos do mundo. Martius contribuiu ativamente para o estudo da fauna brasileira, com a publicação de *Nomina animalium in língua Tupy* (v. Martius, 1863).

Por conseguinte, a tradição judaica criou a imagem “pela qual o homem selvagem não se equipara ao animal, pois a natureza animal é apenas não-humana, mas constitui um estado subumano, uma condição moral, um estado de maldição. Os seres monstruosos podiam ser vistos como exemplo do que faria Deus para com aqueles que haviam perdido definitivamente a Graça. (Woortmann, 2004:11)”.

Essa visão coexistiu também com um modelo de selvagem que, “embora fisicamente repulsivo, podia ser idílico. Coexistiram no imaginário medieval o selvagem bestial como aquele que se alimentava da carne de crianças, e famílias selvagens edênicas, que viviam em paz, alimentando-se de frutos das florestas, sem necessidade de trabalhar, sem propriedades e capazes de gozar de uma sexualidade sem repressões (Woortmann, 2004:11)”.

Helmut Sick possuía esta convicção de que os indígenas realmente faziam parte da Natureza e ele assim o registra: “Com a mata original e seus animais, desapareceu do Brasil civilizado outra coisa, que era parte inseparável da imagem desse país: os índios. Que destino tiveram? ... Os conquistadores travaram lutas sangrentas para arrastá-los para suas fazendas, o que equivalia a condenar à morte os nativos, filhos da natureza que não podiam suportar a servidão: ou sucumbiram aos maus tratos ou às greves de fome, mantidas até o fim. (Sick,1997[1957]:9)”.

O Brasil, que em tempos passado era uma oferta de peripécias e de descobertas para os naturalistas que o percorreram, ressurgiu nesta época como um estado moderno, em que os animais selvagens, as florestas virgens e os índios são vistos como avesso aos costumes hodiernos.



Figura 06: Helmut Sick, em Aragarças no Estado de Goiás, com duas cobras surucucus , pico de jaca, trazidas de Jacareacanga, no Pará. (José Hidasi, 1953)

A passagem pela expedição Brasil Central fez com que Helmut Sick, além de um pesquisador, aos poucos fosse se tornando um conhecedor do povo brasileiro, que ele registra em suas passagens. Descreve os animais com rigor científico, mas também utiliza o costume local.

As suas descrições referem-se às nossas credices ou aos mitos entre os índios: “se tornou conhecido através de Curt Nimuendaju⁹, que trata da luta desses animais, representados no céu pelas constelações do Cruzeiro do Sul e Escorpião; de início, quando nascem as constelações, a onça leva a melhor, mas no final, antes do seu ocaso, quando a segunda constelação se sobrepõe à primeira, que desaparece mais cedo, o vencedor é o tamanduá. (Sick, 1997[1957]:15)”.

⁹ Nascido Curt Unkel, na cidade de Jena, na Turíngia, em 1883. Responsável pela elaboração de um monumental mapa etno-histórico editado pelo IBGE, em 1980. Localiza 1.400 grupos étnicos pertencentes a 40 troncos lingüísticos. Kristina Michahelles lançou o livro “*Matérias lingüísticas inéditas de Curt Nimuendaju*”, em que aborda sobre sua trajetória no país.

O ponto de vista e seus comentários sobre a nossa fauna e flora e as tradições indígenas são muito significativos, vindos de um coletor e “observador participante” dos índios do Xingu.

Faz observação sobre o medo dos demônios que existia entre os índios para quem não existia morte natural. “É sempre algum feiticeiro zangado que deve estar em ação. Acreditam firmemente em outra vida após a morte, num além semelhante ao mundo terreno, onde devem se achar seus venerandos antepassados, considerados os heróis da cultura. (Sick,1997[1957]:64)”.

Mesmo para um expedicionário em busca de aves e animais desconhecidos, Helmut Sick passava registrando suas análises sobre os indígenas. Observou que eles não viam diferença entre o animal e o homem e, portanto, mitologicamente, “o ser humano pode sem mais nem menos converter-se num animal, acasalar-se com ele, ou mesmo ser seu descendente. Tanto os animais quanto as plantas são seres capazes de pensar e agir como nós, idéia essa conservada também em nossas lendas talvez como lembranças das formas de pensar primitivas dos nossos antepassados. (Sick,1957:64)”.

Quanto à divisão do trabalho, ele reparou que o modo de ser indígena era bastante lógico e concordava com que observou o etnólogo Herbet Baldus, para quem as mulheres levavam os pertences da família em uma enorme cesta, não como uma escrava do homem, mas como dona de seus pertences.

Percebeu o quanto eram importantes os ossos e as pedras para o fabrico das ferramentas. Os dentes de capivara e cutia (*Dasyprocta azarae*) se faziam cinzel, os de peixe-cachorro e quati (*Nasua nasua*) podiam ser úteis como furadores, bem como as conchas e bambus afiados e rijos ao fogo davam instrumentos cortantes. Helmut Sick ponderou sobre a introdução de instrumentos de ferro, que, de um lado, simplificava o trabalho, mas, por outro lado, apresentava um risco: “o índio não sabe, em geral, como empregar noutra atividade útil o tempo livre que lhe sobra. (Sick,1997[1957]: 64)”.

Da cultura material indígena Waurá, ficou impressionado com a variedade da ornamentação e com as figuras de animais. Conseguiu identificar 46 animais como modelos: “Os índios dispõem comumente de um senso estético apurado, que se manifesta na ornamentação e pintura dos objetos de uso. (Sick, 1997[1957]: 65)”.

Nada passava á sua frente que não fosse objeto de anotação. Ficava horas registrando, em seu diário de campo, as aves que foram sua paixão. Mas não há como negar que os índios tiveram uma grande importância em suas pesquisas.

Sobre a linguagem dos indígenas ele lembra a subestima da língua nativa do Novo Mundo, contestada pelas pesquisas lingüísticas contemporâneas. Darwin, há 100 anos, descreveu os selvagens que se exprimiam por grunhidos, “mas os missionários britânicos de hoje já puderam identificar 32.000 palavras desses indígenas mais do que o dobro das palavras usadas por Shakespeare em seus dramas. (Sick, 1997 [1957]: 73)”.

Ao longo dos anos em que percorreu uma grande parte do território brasileiro, conviveu com os caboclos, seringueiros e colonos inseridos em uma mata que ora era sua aliada e ora sua inimiga. “Nossa civilização será capaz de substituir com êxito as culturas indígenas estabelecidas aqui há tanto tempo, e de início tão florescente? Haverá condições para se criar no Brasil Central um novo equilíbrio entre o homem e a natureza? (Sick, 1997 [1957]: 78)”.



Figura 07: Helmut Sick embarcando animais empalhados por José Hidasi da cidade de Xavantina no Estado do Mato Grosso para o Museu Nacional. (Jose Hidasi, 1952)

Possuía a preocupação naturalista entre o homem e natureza, sem esquecer dos índios que foram seus aliados de coleta, de curiosidade e de conhecimento. “A única coisa certa, até agora é que os índios estão desaparecendo e que o espírito ocidental e a tecnologia moderna se esforçam, com grande sacrifício, para conquistar o novo território – destruindo a primitiva harmonia sem ter encontrado uma harmonia nova (Sick, 1997[1957]: 209)”.

Possuidor de uma visão crítica do que o circundava, dedicou toda sua vida a estudar a avifauna brasileira e a vida dos índios do Xingu, como um naturalista de expedição. Em 1957, homenageou os sertanistas Vilas Boas, através de um pássaro que ele primeiro encontrou nas florestas do alto rio Cururu-açu, sul do Pará, chamado por ele de o dançador-de-coroa-dourada (*Pipra villasboasi*).

Naturalizou-se brasileiro em 1952. Depois dos trabalhos realizados na Fundação Brasil Central, foi trabalhar no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde organizou uma exposição de aves para o público, trabalhou num projeto de livro de Ornitologia do Brasil, que concluiu após 25 anos, referência dos ornitólogos.

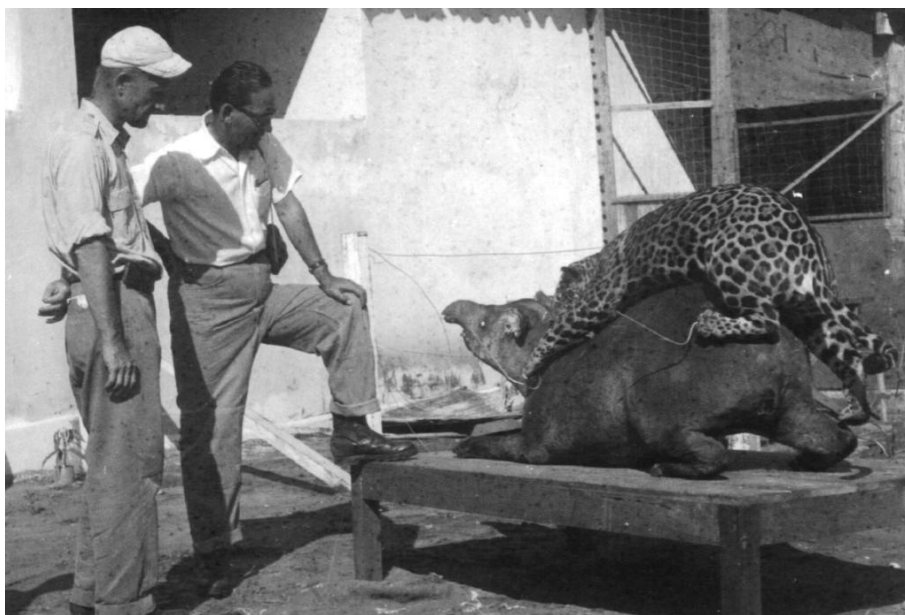


Figura 08: Animais taxidermizados por José Hidasi na cidade de Aragarças no Estado de Goiás, Helmut Sick e Dr. Arquimedes Pereira, Presidente da Fundação Brasil Central. (José Hidasi, 1953)

Assumi o cargo de professor Titular na UFRJ até 1980, quando se aposentou. Faleceu aos 81 anos, em cinco de março de 1991. Helmut Sick foi um cientista de campo e de museu, mas possuía uma alma aventureira e altamente detalhista no que se referia à avifauna.

Segundo relato de José Hidasi, discípulo e taxidermista que o acompanhou em algumas de suas jornadas: “Helmut Sick possuía um excelente ouvido, reconhecia o canto das aves de longe e seus olhos eram de cores diferentes, um azul e outro acastanhado. Como usava óculos, dificultava uma pouco na pontaria, mas era excelente atirador, já que foi campeão em tiro na Alemanha. (José Hidasi, em entrevista de 03.02.2005)”.

A natureza sempre exerceu sobre os naturalistas um fascínio que, de uma forma ou outra, repercutiu em seus trabalhos produzidos e promoveu a articulação de suas vidas num processo quase contínuo. Emilie Snethlage, Helmut Sick, além de possuírem a mesma origem alemã, tinham em comum a avifauna e a forma rígida e disciplinar de trabalhar. A trajetória desses naturalistas ajuda a refletir sobre a obra construída por José Hidasi, seguidor de Helmut Sick, representante da mesma tradição naturalista européia.

José Hidasi, apaixonado admirador das aves, andou pelos vastos campos que lhe ofereceram a fauna e as populações indígenas. Foi palmilhar essa imensidão das matas virgens à cata de preciosidades que enriqueceriam os museus do Brasil e do mundo

Se Emilie Snethlage descreveu 60 espécies e subespécies da avifauna amazônica e Helmut Sick, tendo como base o trabalho de Emilie Snethlage, produziu uma obra técnica e científica exposta no livro "*Ornitologia do Brasil*", referência para muitos ornitólogos, José Hidasi deu sustentação para os trabalhos realizados de Helmut Sick e continuou em seus trabalhos de taxidermista fornecendo acervos para diversos museus e formando uma das maiores coleções particulares do país.

Capítulo III

José Hidasi – Pesquisador Eternizador e Museólogo

O tempo é a substância de que somos feitos (Luiz Borges).

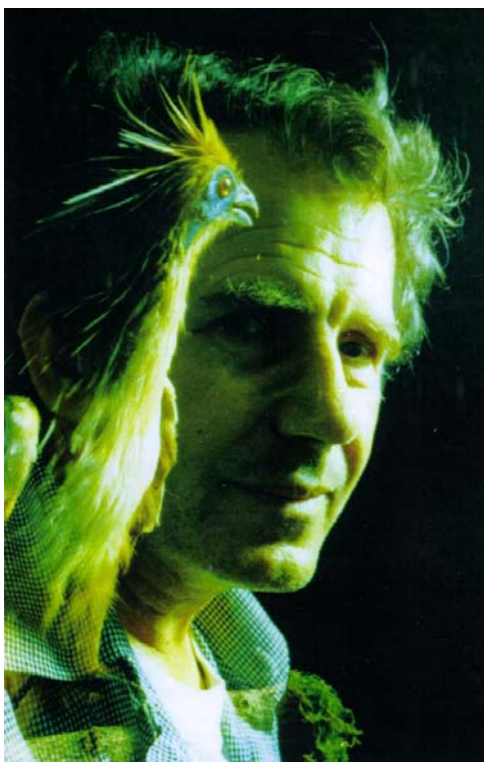


Figura 09: José Hidasi e a ave *Opisthocomus hoazin*. (João Lopes, 1985).

Ifjú Vitéz Hidasi József Péter nasceu em Makó, na Hungria, em nove de maio de 1926, filho de Joseph Hidasi e Puaszka Király. Desde criança gostava muito das aulas de ciências e coletava alguns pequenos animais, como insetos e pardais. Sua satisfação era fazer exposição desses animais.

Como ainda não conhecia a técnica da taxidermia, retirava dos animais suas vísceras e os colocava em vasilhame de vidro com água ardente. Levava-os para sua escola e fazia exposições em feira de ciências. Passou sua infância na pequena cidade de Makó e estudou na Escola Superior *Szeceedi Tanárképző Főiskola*, na Hungria, cursando História Natural e Geografia.

Chegou a ser convocado para lutar na Segunda Guerra Mundial contra a Rússia. Ao terminar o curso de pára-quedista, alcançou a patente de 2º Tenente. Foi um excelente esportista e ginasta, campeão de tiro. Quando estava se preparando para embarcar para a luta, a Guerra acabou e, com receio de ser preso pelos russos, fugiu para a Alemanha.

Na Alemanha, trabalhou como professor em um campo de concentração de refugiados, na Escola Normal da cidade de Osterode, próxima às montanhas de Harz. Gostava de música, tocava acordeom e fez teatro. Como era muito popular, foi convidado a trabalhar na Organização Mundial YWCA (*Yonng World Cristian Association*).

Havia feito um curso sobre Administração em Jogos Olímpicos e Culturais, e trabalhado como treinador. Mais tarde seguiu para a França, onde contou com o apoio do padre húngaro François Nemeth lá radicado e destacado pelo governo francês para “aculturar” os refugiados.

Nesse grupo, Hidasí continuou organizando escolas de teatro e usando seus conhecimentos de piano e harmonia e ainda gostava de tocar acordeom. Organizou um grupo musical não só por irmandade e benevolência, mas também porque necessitava juntar dinheiro para voltar à universidade.

Fez contacto com a *Université de Lille*, no norte da França, onde cursou Letras e Ciências Naturais. Trabalhou numa fábrica de máquinas agrícolas americanas (CIMA-WALLUT) como controlador de peças e reuniu economias para realizar sua aventura nos trópicos.

Em 1950, vendeu o que possuía e partiu da França com destino certo para o Brasil. Veio em busca do “Paraíso”, idéia reforçada no seu imaginário pelo seu pai, que já estivera por aqui e lhe contara maravilhas sobre a natureza, as praias e os animais.

Instalado na segunda classe do navio Claude Bernard, durante a viagem ficou conhecido entre os tripulantes por tocar acordeom no convés. A música francesa chamou a atenção de Denise Martin, uma brasileira que se juntou ao aspirante a músico com o seu bandolim.

Durante a viagem, nas rodas de músicas francesas, surgiu a amizade de Denise e José Hidasi, ela sabendo que o jovem húngaro mal falava português e que vinha para o Brasil para caçar animais.

“Naquela época significava bravura e heroísmo”, explica Hidasi, já que, na Europa, as caçadas sempre foram categoria tratada como “esporte”. Denise era médica e massagista da esposa do presidente da República Getúlio Vargas.

Quando chegou ao Brasil, em 1º novembro de 1950, a médica musicista convidou Hidasi para uma recepção e lá o apresentou a um grupo de amigos, de quem rejeitou uma primeira proposta de trabalhar em agência de turismo na então Capital Federal, por um salário de dez mil cruzeiros.

Preferiu os minguados mil cruzeiros da Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura. Começava aí a realização do sonho do menino, de ir à mata coletar, empalhar e construir um museu!

Possuía a intenção de ganhar a vida como “naturalista profissional”, como eram chamados os especialistas que se embrenhavam nas matas para caçar, preparar e vender animais silvestres. Na época, não havia restrições à caça e nem a atual consciência sobre a preservação ambiental.

Os naturalistas ganhavam muito dinheiro vendendo peças para instituições científicas e museus. Foi na divisão de Caça e Pesca da Agricultura que conheceu Helmut Sick, que o levou para o Museu Nacional para auxiliá-lo na taxidermia.

Por fazer um excelente trabalho, foi convidado por Helmut Sick a excursionar como assistente na Fundação Brasil Central. Em seu livro “*Tucani*”, Helmut faz referência a José Hidasi.

Meu preparador, recém-importado da Hungria e ainda pouco familiarizado com os costumes e hábitos do interior do Brasil, havia feito sua cama sobre a porção de lenha e palha. E aquela pilha, em pouco tempo, tornou-se o ponto predileto de encontro de perigosas lacraias, e outros bichos que, se bem tivessem para minhas coleções grande interesse, não eram muito recomendáveis ao homem como companheiro de sono. Não demorou muito e a ‘cama’, com suas bases minadas pela ação subterrânea dos tatus, afundou pela metade. (Sick, 1997[1957]: 41).

A parceria com Helmut Sick fez com que José Hidasi conhecesse a selva das suas fantasias. Percorreram as florestas da Amazônia, da Mata Atlântica e do Cerrado, pesquisando e revelando a diversidade na criação de museus, entre eles o Museu da Fundação Brasil Central, em Aragarças, no Estado de Goiás.

O Museu da Fundação ficava às margens do Rio Araguaia e mais tarde, quando diminuíram os serviços da Fundação Brasil Central, estes acervos foram enviados para a capital Brasília, que estava sendo construída.

Os animais empalhados eram também enviados para o Museu Nacional e outras instituições nacionais e internacionais. Construíram um pequeno zoológico em Aragarças, em 1952.



Figura 10: José Hidasi na cidade de Xavantina, em 1951, quando trabalhava na Fundação Brasil Central.

Casou-se com Maria Madalena Sobreira do Amaral, com quem vive até hoje e teve o primeiro dos seus cinco filhos. Com a doença do primeiro menino, a família teve de vir a Goiânia.

O professor ficou conhecendo um enfermeiro da Santa casa que cuidava da horta do hospital na reserva onde nascia o Córrego Capim-Puba (hoje Lago das Rosas). “Ele plantava alfaces, mas também criava alguns animaizinhos por ali. Foi então que sugeri a ele a criação de um zoológico,” conta Hidasi. Com o pronto aval das autoridades, o zoológico da Fundação Brasil Central, que ficava em Aragarças, veio parar em Goiânia. Trabalhou por quatro anos na Fundação Brasil Central.

José Hidasi chegou a Goiânia quando a cidade contava com pouco de mais de 60 mil habitantes, em 1954, e trabalhou na Secretaria da Agricultura do Estado de Goiás como naturalista. Foi um dos fundadores do Parque Zoológico de Goiânia, em 1956, onde criou o Museu de Zoologia do Parque Educativo.



Figura 11: Ave taxidermizada por Jose Hidasi para composição do acervo do Museu Goeldi. Sua esposa Maria Madalena Hidasi com uma amiga. (José Hidasi,1959).

Em 1959, sempre viajando para coletar e fazer pesquisas, foi convidado para reorganizar o Museu Paraense Emílio Goeldi. Viajou até Rondônia e, durante a viagem, em 1960, escreveu “*Notas da Fauna e Índios numa Viagem de Coleta em Rondônia*”, publicado em 1962 pela Secretaria de Educação e Cultura de Goiás.

Em seu relato, José Hidasi descreveu a viagem iniciada em Goiânia, com escala em Aruanã, Gurupi, Santa Isabel, Santa Terezinha, Araguacema e Belém, onde pretendia realizar uma coleta zoológica.

Saiu de Belém para Manaus e Porto Velho e de lá a Guajará-Mirim. “A história de Guajará-Mirim teve o seu início no século passado, quando os portugueses usavam o local para o Rio Mamoré acima irem até o Forte Príncipe da Beira, onde construíram uma fortaleza notável para se precaverem contra os invasores espanhóis. (Hidasi , 1962, notas mimeo.)”

Nessa publicação, descreve no seu modo simples o que ouviu em suas viagens e o que ele mesmo presenciou. “Nossas notícias e fotografias servem para afirmar que existem mesmo, na região de Guajará-Mirim, índios necrófagos. Bem perto os mais mansos e mais longe os mais bravos, habitantes das malocas escondidas no meio das matas intermináveis...” comenta na entrevista, que as fotos contendo registro de canibalismo lhe foram retiradas por um comandante militar.



Figura 12: Pacaas Novos, conhecidos como os Wari.(José Hidasi, 1960).

O ritual do canibalismo funerário dos Wari (Pacaas Novos) é descrito por José Hidasi de forma singela: “Os Pacaás Novos têm a crença de que, quando um membro da maloca morre, comendo o cadáver a alma fica entre eles. Quando alguém está morrendo (e quando não esconde na mata), eles consolam dizendo que ‘fique tranquilo porque vai morrer em paz e será comido logo em seguida, até os miolos’ E comem mesmo! (Hidasi, 1962, notas mimeo.)”

A antropóloga Aparecida Vilaça desenvolveu sua pesquisa de campo entre os Wari em 1986. Em sua tese “*Comendo como gente*”, publicada em 1992, ela trata do canibalismo Wari, tanto o literal como o figurado, com ênfase na cosmologia, guerra, xamanismo e rituais.

Nos seus estudos, Aparecida Vilaça relata que os Wari não só comiam os mortos do grupo como também os inimigos que matavam. “O rito tinha início já na doença grave, quando o moribundo era chorado pelos parentes, consangüíneos e afins. Desde aí, iniciava-se um canto fúnebre, em que todos se referiam ao doente/morto por termos de consangüinidade e relembavam fatos vividos . (Vilaça,1992)”.

Constatada a morte, o choro se tornava mais intenso e os chamado parentes próximos ou “verdadeiros” se diferenciavam dos parentes distantes. Os parentes próximos organizavam o funeral e os parentes distantes o executavam.

O relato de José Hidasi descreve minuciosamente que, para os Wari, havia dois deuses: um bom e outro mau.

Na hora da agonia do moribundo, choram de medo deste que, segundo pensam eles, está espreitando de lado para pegar a alma recém-saída e aprisioná-la para beber eternamente numa panela um tipo de bebida horrivelmente ruim, o “taracopi”, que jamais se esgota do recipiente. Mas a alma, saindo do corpo pode escapar do deus mau. Suponha-se que às vezes a ajudam a sair das garras do deus mau, começando o esquartejamento nessa hora, para depois moquear e comer o indivíduo, seja ele, novo, velho, homem ou mulher. (Hidasi, 1962, notas mimeo)

Aparecida Vilaça torna claro que, no ritual, antes que o defunto fosse preparado, dever-se-ia aguardar a chegada dos parentes próximos que habitavam outras aldeias. O tempo de espera era de dois a três dias, fazendo com que o cadáver apodrecesse. Justamente nesse estado é que era esquartejado e moqueado pelos afins.

“Pronta a carne, os parentes próximos desfiavam e depositavam-na sobre uma esteira, ao lado de pequenos pedaços de pamonha de milho assada. Solicitavam aos parentes distantes que a comessem. (Vilaça, 1992).”

Costumava ser um ritual longo e como comer da carne, às vezes, era quase impossível, então comia-se pouco e o restante era queimado. Terminado o funeral, eram queimados os pertences do morto: sua casa, sua roça e lugares da floresta onde costumava andar e sentar.

O relato de José Hidasi é feito exatamente de acordo com sua interpretação. Tece ainda alguns comentários sobre os primeiros castanheiros e caçadores que apareceram na região, matando a caça indiscriminadamente devido ao couro, que na época havia um forte comércio de animais silvestres.

Existia uma guerra constante entre os índios Wari e os castanheiros, os caçadores e os seringueiros. Nada mais restava para os índios Wari do que massacres e vinganças. Finaliza:

Cabe ao SPI e ao Exército a difícil missão de manter a paz e a ordem entre os índios e os seringueiros. No nosso entendimento, o índio deve ter mais assistência e proteção, ser mais assistido pelas autoridades. É preciso dar graças aos padres franciscanos, que são os verdadeiros amortecedores dos choques entre os Pacaás Novos e os seringueiros. Resignados, estão os índios aceitando, há pouco, o contato da civilização (Hidasi, 1962, notas, mimeo).

É muito clara a forma como o José Hidasi presta atenção aos detalhes e constrói os seus relatos etnográficos sobre os índios Wari, nos quais encontramos o que Marshall Sahlins chama de ‘pessimismo sentimental’, ou seja, a convicção de que o sistema de vida nativa estava fadado à extinção.

No mesmo ano de 1962, José Hidasí naturalizou-se brasileiro e partiu para mais uma expedição sobre a região ainda desconhecida entre o Brasil e a Venezuela. Suas anotações mais tarde foram publicadas pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura, como *Notas de uma Viagem de Reconhecimento às Cordilheiras do Parima (Fronteira do Brasil com a Venezuela)*.

É uma narrativa cheia dos detalhes de como a coleta e a pesquisa em busca de espécies desconhecidas faziam com que os expedicionários se embrenhassem mais nas matas afastadas. “Nascendo nas Cordilheiras do Parima, o Rio Parima junta-se ao Rio Vaiaris, que nasce na Serra do Pacarima, formando o Rio Uraricuara, que se torna caudaloso à medida em que se aproxima do Rio Branco, onde se lança.(Hidasí,1962, notas, mimeo)”.

Nessa região, a Força Aérea Brasileira (FAB), com auxílio de uns missionários americanos, construiu o primeiro campo de pouso, denominado Waica, transformando-o numa espécie de passagem para as cordilheiras do Parima, onde as bombas de *napalm* abriram mais dois campos, denominados Parima-A(mais tarde abandonado) e Parima-B.

Os jornais de Manaus e Belém denunciavam que aviões, durante a madrugada e à noite, retiravam minerais da região sem a devida autorização. “A primeira zona aérea deixou no Parima-B um missionário americano (da Cruzada de Evangelização Mundial), lingüista conhecedor da fala dos Waicá, tentando contacto com os índios em 1961 (Hidasí, 1962, notas, mimeo)”.



Figura: 13 José Hidasi com os índios Waicas (Yanomami) nas montanhas do Parima, em 1962.

Em seu relato da expedição comenta sobre a vegetação e a baixa fertilidade dos solos, com poucas árvores, e se refere aos Waicas: “eles vivem quase exclusivamente da caça, comendo até os mais repugnantes seres, como o horrível sapo cururu e o pouco recomendável urubu. Dentre as aves da família dos Silviideos, coletei três exemplares de uma só espécie, que desconhecia e que provavelmente não figuram em livros técnicos como espécies brasileiras. Troquei com os índios, ainda algumas peles de aves (galo-da-serra, anambé azul, araçari, tucano,inhambu,uru,araçari,mutum de penacho). (Hidasi,1962 notas mimeo)”.

A troca de peles de animais ou até mesmo de animais vivos era uma prática comum entre os pesquisadores, pois os índios as trocavam por alguma comida ou por miçangas para enfeites.

Os índios que habitam a região do Parima-B pertencem, quase todos, á tribo Waicás, da nação dos Chamataris. Mostram-se rudes e extremamente medrosos. A maloca que visitei era formada de oito a dez casinhas de palha, primitivíssimas,sem paredes, contornadas por cercas de grossos paus, de altura irregular,fincadas no chão (Hidasi, 1962, notas, mimeo).



Figura 14: Índios Waikas, também conhecidos como Yanomami. (José Hidasi, 1962).

José Hidasi menciona que os índios passavam a noite de sobreaviso, prevenindo a possibilidade de um ataque inimigo. Dormiam em redes feitas de casca de madeira ou de tecidos de algodão bruto, penduradas na borda do fogo, que ardia a noite inteira no meio da casa. A imagem com que os descreve é a de uma exarcebada primitividade.

Faziam fogo por fricção na madeira. A maioria andava completamente nua. Algumas mulheres usavam tangas, feitas de fio de algodão. Não gostavam muito de banhar, furavam as orelhas, o nariz e lábios inferiores para colocarem enfeites. “Usam cabelo curto, deixando no alto da cabeça uma careca redonda, tipo frade. São egoístas com as crianças. Não ajudam os doentes, que morrem sem comida ou qualquer assistência. A morte não provoca consternação entre eles. O morto é enterrado perto da maloca onde vivia. (Hidasi, 1962, notas, mimeo)”.

Em sua narrativa, comenta sobre a Festa da Troca, em cujos festejos tomavam bebidas entorpecentes e caldo de frutas silvestres. “São, e disso não me deixou dúvida, amigos do alheio. Roubam tudo o que pode ser roubado dos Tuchauás (homem civilizado), com a maior naturalidade”. (Idem, Ibidem). Os Waikas contatados por Hidasi foram descritos como portadores de uma estatura pequena e um corpo bem formado. Na etnologia contemporânea são conhecidos com Yanomamis.

Conforme destaca José Hidasi, não havia cerimônia de casamento e a mulher waica, mal atingindo a idade da puberdade, já possuía marido.

São fracos nos conhecimentos dos números. Sua contagem é, indubitavelmente, simples: um e outro – eis a quantidade que atribuem às coisas que os cercam. Um missionário andou lhes contando a respeito de Deus: concluíram que tudo que vinha do céu, mais especificamente, do espaço aéreo, (um piloto da FAB) era Deus. Não gostam de ser fotografados – acham que é sinal de morte breve – nem pronunciam seus nomes próprios ou dos conhecidos diante dos tuchauás, por motivo ignorado (Hidasi , 1962, notas, mimeo) .

Seus relatos foram objeto de curiosidade pelos etnólogos, devido à exigüidade de informações então existentes sobre aquele povo. Ao retornar de sua viagem em 1964, ocupa o cargo de mentor do Museu Zoológico e Etnológico de Porto Velho, onde fez coletas. Publica em 1966, em Goiânia, “*Álbum de Aves de Goiás - As corujas - 1ª parte*”.

Residindo em Goiânia, cria o Museu de Ornitologia de Goiânia, que, organizado, viria a ser o maior acervo científico ornitológico do cerrado. Hoje são mais de 120 mil peças museológicas espalhadas por três casas interligadas por corredores e escadas.

Sua coleção é formada principalmente por aves, mas também insetos, mamíferos, répteis, peixes, moluscos e artrópodes, numa coleção representativa não só do cerrado mas de outros países. Quando se entra no Museu de Ornitologia, uma das primeiras aves com as quais nos deparamos é a Anhuma ou Inhuma, ave símbolo de Goiás. É um dos destaques.



Figura 15: A anhuma é da Família anhimidae,. Ave taxidermizada pertencente ao acervo do Memorial do cerrado da Universidade Católica de Goiás. (José Hidasi),2003).

A Inhuma¹⁰ vive nos charcos, nos brejos, varjão e margens de rios. Alimenta-se de plantas ribeirinhas, gramíneas e pequenos animais, como, os girinos. Pela tarde alça vôo e familiarmente se empoleira pelas árvores dos quintais. No entanto, antes de se render ao repouso noturno, solta gritos de grande alcance. Encontram-se aos pares, mas, na época de acasalamento, a disputa pelas fêmeas dá oportunidade a lutas ferrenhas com o uso de esporões. Como gosta de poleiro no cimo das mais altas copas de árvores, se por acaso se aproximar algum caçador, solta seu grito de alarme, colocando em fuga os patos, marrecos, jacus etc. Todos obedecem ao seu sinal.

¹⁰ A Inhuma foi muito caçada nos tempos antigos por conta de crenças. “O corno da anhuma, e ainda os esporões, que lhe saem das asas, ou mesmo os ossos, mormente os da perna esquerda, passaram entre nós a ser panacéia e preservativo universal. Bebidas em água ou vinho, suas raspas curavam até picadas de cobra. Aos mudos daria esse chifre o dom da palavra, segundo aconteceu a um menino que entrou a falar, di-lo Fernão Cardim, quando lhe ataram ao pescoço o poderoso talismã. A mesma crença persiste até os nossos dias em lugares sertanejos, talvez atizadas pelo menor freqüência dessa ave, em resultado da caça que tão constantemente lhe moveram. Relatou o General Couto Magalhães, no século passado, que era costume, em toda Goiás, levarem as crianças desses chifres ao pescoço, dada a idéia generalizada de que se livrariam, assim, de qualquer doença ou acidente.” (Holanda, Sérgio, 2000[1959]:266).

Entre aves extintas e aves exóticas, animais de grande porte e de pequeno, o acervo cultural e científico do museu ornitológico foi construído ao longo do tempo e dedicado à ciência, à pesquisa e a formar coleções.

O Museu, um desejo realizado por José Hidasi, é um patrimônio científico e cultural, construído através de uma antiga arte ou ciência praticada pelos egípcios, a taxidermia.

Por uns considerada arte, é difícil citar com exatidão se a taxidermia é arte colocada a serviço da ciência ou se é a ciência servindo-se da arte, porque envolve conhecimentos técnicos (ciência) e necessita de destreza e sensibilidade (arte).

A taxidermia exige paciência e contemplação do místico, pois um ornitólogo, para ser taxidermista, tem que aprender a amar sua obra e sentir a beleza da vida nas criaturas mortas, vivificadas aparentemente.

Da mesma maneira como o pintor recria e matiza em suas telas a natureza morta que o influencia, assim também é o taxidermista. Conserva a matéria física e natural de cada animal e a presenteia com a originalidade. Torna evidente a utopia de possuírem ainda a vida.

Há, porém, a infeliz incoerência entre a taxidermia e as demais artes. É o lastimoso fato de que se tem de tirar a vida para dar à morte um aspecto vital. Tem-se que planejar a morte, para se alcançar o objeto de adorno taxidémico; substituir a vida real pela utopia.

A taxidermia é a exclusiva “arte” que “mata” para construir sua manifestação. Não obstante essa exigência que lhe é requerida *sine qua non* para sua manifestação artística, ela não deixa de ter o seu valor.

José Hidasi desenvolveu e aperfeiçoou um método particular de taxidermia (Táxi: ordenamento/dar forma: derme: pele), a arte de empalhar animais. Enquanto a técnica tradicional moldava seguindo rigorosamente o formato do corpo do animal, a sua dá margem a diversos formatos.

Tomando como exemplo uma ave, ele explica que utiliza basicamente três arames. Os dois primeiros são entrelaçados e as quatro extremidades resultantes formam as asas e as pernas. O terceiro arame liga o pescoço à cauda. No centro dos arames entrelaçados, o corpo é preenchido com estopa de madeira, fibra de coco, musgo ou material semelhante e envolvido primeiro com papel de jornal e depois com papel higiênico.

Por último, amarra-se o trabalho com linha fina bem resistente. A flexibilidade do arame permite que todas as partes fiquem bem sustentadas, possibilitando diferentes formas e posições. No método tradicional, diz o professor, tudo é muito frágil, já que os arames não estão interligados, mas acrescentados ao corpo pré-moldado. Empalhar, para José Hidasi, é um ato de conservação: “A taxidermia é indispensável para a cultura. Se não coletarmos, nunca saberemos ao certo como era. (Entrevista de 15. 02.2005)”.

Capítulo IV

Passaporte para a Eternidade e o Museu Ornitológico

È por pouco que eu não assimilo as regras de Descartes ao seguinte preceito de não sei que cientista químico: muni-vos daquilo que é indispensável e procedei como é preciso proceder, obtereis então aquilo que desejais obter. Não admitais nada que não seja verdadeiramente evidente (quer dizer, apenas aquilo que deveis admitir), dividi o assunto segundo as partes requeridas (quer dizer, fazei o que deveis fazer), procedei por ordem (a ordem segundo o qual deveis proceder), fazei enumerações completas (quer dizer, aquelas que deveis fazer): é exatamente assim que procedem as pessoas que dizem ser preciso procurar o bem e evitar o mal. Tudo isso está sem dúvida, certo. Simplesmente, faltam critérios do bem e do mal. (Leibniz, *Philosophischen Schriften*. Gerhardt, tomo IV, p.329)

Segundo José Hidasi, a “Taxidermia é a técnica usada para a conservação da forma da pele, planos e tamanho dos animais, utilizando para isto sua própria derme e epiderme”. É, portanto, o trabalho do técnico com a pele do animal que deve ser conservado.

Foi uma habilidade especial de execução usada nos tempos egípcios para a preservação dos animais, pelo processo de embalsamento ou mumificação. Existem dois tipos de empalhamento: coleções científicas e coleções culturais. Nas coleções científicas, o animal é empalhado em posição seriada (deitado) e, nas coleções culturais, o animal fica em posição montada, representando-se o seu “habitat” como numa moldura ou quadro.

Nos dois casos, o preparador deve preencher uma etiqueta, anotando nela o sexo, espécie, nome em latim e vulgar, procedência do animal, data em que foi morto ou coletado, cor da íris, tamanho do tarso, bico. Essas etiquetas são normatizadas.

Quanto mais dados forem colocados, mais “força científica” tem o trabalho feito pelo taxidermista. Conforme José Hidasi, se for um animal desconhecido, necessita-se medi-lo por completo: o comprimento da cauda, pés, corpo, orelha, tarso, bico, registrar o conteúdo encontrado no estômago, papo, boca. É necessário ter conhecimento sobre a anatomia das aves, dos mamíferos, dos anfíbios, dos répteis, etc., para coletar os dados a serem registrados nas etiquetas que os cientistas posteriormente irão manusear.

A etiqueta devidamente preenchida é o passaporte do animal empalhado para a sua entrada no mundo científico e, como se refere José Hidasi, também “para a eternidade”. E essa obsessão do eterno está presente no patrimônio científico construído por ele.

A eternidade ou a imortalidade é uma busca manifestada por muitos. Porém, José Hidasi acredita que, através de seu trabalho como pesquisador e taxidermista, conseguirá por um determinado tempo eternizar seus animais, mesmo que de forma vivificada. Para ele os animais estão desaparecendo e o seu registro para futuros estudos é da maior importância.

José Hidasi eterniza seus animais e, ao preencher as etiquetas fazendo o seu registro, de certa forma se eterniza. Também possui esse desejo manifestado e registrado no filme *Cegonha Dourada*, que concorreu ao IV Festival internacional de Cinema e Vídeo Ambiental na Cidade de Goiás (FICA) de 2004. Nele relata o seu trabalho. Quando vier a falecer, quer deixar seu esqueleto para compor sua coleção, numa forma de continuar “próximo dela” e servindo à ciência. Ciência que sempre foi a sua paixão, que o fez sair de sua terra natal, vir em busca de espécies novas, aprimorar sua técnica, aumentar coleções, construir museus.

A eternização para ele é a forma de ultrapassar a transitoriedade, o que não é um fato, mas uma ilusão. Segundo Sigmund Freud, “essa exigência de imortalidade, por ser tão obviamente um produto dos nossos desejos, não pode reivindicar seu direito à realidade. O que é penoso pode, não obstante, ser verdadeiro (Freud, 1997[1915]: 345)”.

Talvez o sentimento pessimista de que muitas espécies estão desaparecendo (o que é verdade) promova a sua consternação. José Hidasi salienta: “A matas estão sendo derrubadas e os animais não têm onde viver... (Entrevista datada de 13.03.2005).” Em última instância, acredita que conservar e fazer ciência são maneiras de superar a morte.

Desde 1967, José Hidasi deixou de praticar a caça, quando a Lei 5197 de três de janeiro foi implantada. A caça não seria mais permitida e nem o comércio de animais silvestres. Atualmente, em seu museu, aparecem animais mortos por atropelamento ou doenças. O museu mantém um convênio firmado com o Zoológico de Goiânia e as reservas ambientais, que levam os animais mortos para serem taxidermizados .

Portanto, como ele diz: “aproveito esses animais que servirão para estudo e para as coleções, não deixo perder nada. Se não taxidermizo, eles irão apodrecer. (Hidasi em entrevista datada de 02/03/2005)”.

Dessa forma, o seu acervo científico e cultural se renova. E, infelizmente, parte de uma privilegiada elite de estudantes universitários dos cursos de graduação em ciências biológicas o desconhece. É um fato lamentável, pois o Brasil ocupa uma posição de destaque na diversidade mundial.

O Museu de Ornitologia: Descrição em Imagens



Figura 16: Museu de Ornitologia de Goiânia, fundado em 1968, localizado na Avenida Pará, nº. 395, Setor Campinas, doado à prefeitura Municipal de Goiânia. (José Hidasi,1968).



Figura 17: Os animais expostos na parte exterior do Museu eram usados como forma de chamar a atenção dos visitantes que por lá passavam. (José Hidasi, 1968).



Figura 18: O Museu de Ornitologia, hoje Fundação, continua no mesmo endereço desde a sua criação. Ao lado esquerdo, continua a antiga casa. José Hidasi foi adquirindo as residências ao lado e ampliando o museu. (José Hidasi, 2000).



Figura 19: Depois da entrada principal, existe um corredor que liga várias salas, onde estão as coleções científicas e culturais, bem como um sala para conferências e pesquisas. O laboratório de taxidermia fica na parte superior. Hoje o Museu se encontra em reformas. (José Hidasi, 2003).



Figura 20: Palestra realizada por José Hidasi aos alunos da Escola Municipal Maria Araújo Freitas, em 29 de outubro de 2001. Até hoje ele efetua palestra aos alunos que visitam o Museu.



Figura 21: Alunos do curso de Biologia de São Paulo, no laboratório de taxidermia.



Figura 22: Alunos de Biologia conhecendo a técnica e taxidermia.(Rosangela Perotti,2005).



Figura 23: Aves exóticas da Família Meropidae, acervo científico pertencente ao Museu de Ornitologia. Nas coleções científicas, as aves ficam na posição deitada e guardada em armários, nas gavetas. Não podem ficar expostas à luminosidade e poeira. Com o tempo as penas perdem a cor e o material poderá se deteriorar. (José Hidasi, 2003).



Figura 24: Sala onde ficam guardados os acervos científicos e alguns animais taxidermizado. por José Hidasi, em 2000.



Figura 25: Aves do pantanal em acervo cultural, uma réplica do ambiente. Animais taxidermizados por José Hidasi. (José Hidasi.2003).



Figura 26: Aves da Amazônia, taxidermizados por José Hidasi, compõem o acervo cultural. (José Hidasi, 1998).

Museus de Ciências: Breve Histórico

A seguir, apresentaremos um breve relato sobre os museus, desde suas origens até os nossos dias, complementando-o com um histórico dessa instituição no Brasil voltada especificamente à área de Ciências.

Os museólogos comparam-se com dois movimentos de memória: um que se dirige ao passado e lá se paralisa e outro que se orienta para o presente. Às instituições de memória, em particular os museus, é freqüentemente atribuída a função de guardar os tesouros.

Nos museus, geralmente estão guardados os testemunhos materiais de determinados períodos históricos. Entretanto, a esses testemunhos materiais associam-se valores simbólicos de diferentes matizes. Desse modo, o tesouro protegido nos museus não está essencialmente relacionado a valores monetários. Na realidade, é a tentativa de construção de uma tradição que possa ligar o presente ao passado.

O Museu teve origem na Grécia, no Templo das Musas (*Museiôn*). As musas, por seu turno, foram geradas a partir da união mítica celebrada entre *Zeus* e *Mnemósine*. Portanto, os museus são herdeiros da memória e do poder. Dessa forma, os museus, por muito tempo, foram considerados espaços de lembranças, um templo, cujas representações o visitante muitas vezes não está capacitado a entender.

Na Alexandria, tais espaços eram reconhecidos como local de convivência da elite. A primeira instituição de que se tem notícia com essa denominação é o Museu de Alexandria. Embora tivesse algumas características que se assemelham à idéia atual de museu, como a guarda de algumas espécies de objetos, entre os quais instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais, estátuas de filósofos, abrigava ainda um parque botânico e um zoológico, além de uma notável biblioteca.

Era, sobretudo, uma instituição de ensino e pesquisa com bolsistas residentes, mantidos através de subvenção oficial, e para os quais o bibliotecário-chefe era uma espécie de “*regius professor*,” muitas vezes um poeta que exercia a função de tutor vitalício. Entre os grandes nomes que passaram pelo Museu de Alexandria, destaca-se o de Euclides, que criou uma escola de matemática e escreveu “*Elementos de Geometria*”, além de Arquimedes, Apolônio de Perga e Eratósteles (Gaspar, 1993:7).

O termo museu só viria a ser usado séculos depois, com um outro significado, associado ao de coleção. Há inúmeras referências a respeito de coleções particulares entre gregos e romanos e muitas delas não tinham finalidades contemplativas e nem eram objetos de artes. Muitos estudiosos possuíam coleções com finalidades científicas, como era o caso de Aristóteles.

Já na Idade Média, na Europa Ocidental, essas coleções começaram a ter mais valor do que dinheiro. Reis, senhores feudais e o alto clero possuíam tesouros cujo conteúdo era composto por vasos de ouro, pratas, jóias, armas. Eram esses tesouros coleções que asseveravam o poder e demonstravam fortuna no período que não possuía sistema bancário (Gaspar, 1993:8)

Essas coleções permaneciam escondidas, porém ostentadas em ocasiões especiais. Já as obras de artes eram exibidas ao público através da igreja, numa forma de difundir a fé pelos vitrais, mosaicos, gravações em madeiras, mármore. Tinham o objetivo de educar e inculcar a religião.

Na Europa, no Renascimento, repercutindo o desenvolvimento intelectual da época, as coleções começaram a voltar-se mais para a cultura e o prazer. O seu sucessivo crescimento criou para os seus proprietários a necessidade de um local para guardá-las e expô-las a amigos e convidados. Procederam-se então as Galerias, salas compridas e estreitas, destinadas, sobretudo, às obras de artes e de curiosidades, onde se exibiam o exótico e a memória do poder, através das coleções das famílias reais.

A palavra museu foi de certa forma rejeitada pelo cristianismo, já que estava ligada à divindade pagã. Porém, a igreja acabou por recuperar a denominação quando o Papa Xisto IV, em 1471, criou um museu a partir de coleções de objetos não religiosos, designado Museu Capitolino (Gaspar, 1993:9).

Os primeiros museus públicos ocorreram nos séculos XVII e XVIII, em consequência do crescente interesse pela cultura e pelas ciências e pela necessidade de organizar o conhecimento existente, expressada particularmente pelos enciclopedistas franceses, acrescida da reivindicação cada vez maior da sociedade em participar desse conhecimento, o que implicava o acesso público às coleções.

Filósofos e cientistas, já nessa época, propunham a criação de museus voltados à ciências, como Francis Bacon, filósofo inglês, René Descartes, matemático, filósofo e cientista, e Wilhelm Leibniz, filósofo, alemão e matemático. Infelizmente essas idéias não foram adiante.

Em 1683, Elias Ashmole doou sua coleção à Universidade de Oxford, um local de pesquisa destinado aos estudantes universitários, o primeiro museu público conhecido como Museu Ashmoleano. Somente em 1759 abriu-se um novo museu público, o Museu Britânico, originário da coleção doada por Sir Hans Sloane, naturalista e médico da corte. Nessa mesma época, outros monarcas europeus começaram a permitir o acesso limitado do público às suas coleções de arte.

Já em 1793, em Paris, na França, foi criado o primeiro Museu de Artes, o Louvre, que surgiu em consequência da nacionalização dos bens da coroa ocorrida durante a Revolução Francesa por razões ideológicas e políticas. Também em Paris, em 1794, foi criado o “*Conservatoire de Arts e Metiers*”, uma instituição de ensino de ciências e artes aplicadas, transformada mais tarde, já no século XX, no “*Musée National de Techniques*” (Gaspar,1993:10).

Os museus foram se diversificando, repercutindo as condições sociais e políticas da época e a evolução das tendências intelectuais. Começaram a surgir os museus históricos ou nacionais, instigados pela ascensão do nacionalismo, e os museus etnológicos, resultados da expansão colonial.

O progresso científico e a revolução industrial deram origem aos museus de ciências e tecnologia, ao passo que o impacto da teoria de Darwin influenciou na propagação de museus de história natural.

É importante ressaltar que, quando foram criados, os primeiros museus de história natural eram centros de pesquisas. No entanto, o desenvolvimento e a diversidade dessa ciência, a partir do século passado, trouxe a necessidade de utilização de laboratórios, especialmente no trabalho de organismo vivos, o que reduziu a importância dos museus como centros de pesquisas em favor de sua função voltada à educação.

No final do século XIX e o começo do século XX, a ênfase na educação passou a marcar os museus americanos e começou a se disseminar também na Europa. A criação do Museu de Ciências de Munique, em 1908, marca essa tendência. Introduzindo inúmeras inovações, procurava tornar acessíveis ao público as conquistas modernas da ciência e da tecnologia (Gaspar, 1993:12).

Apresentava réplica e equipamentos em tamanho natural, modelos animados acionados pelo visitante através de botões, ilustrava o funcionamento de máquinas ou princípios físicos. Sua preocupação com a tecnologia contemporânea sem se prender a retrospectivas históricas foi uma prática inovadora que influenciou outras instituições importantes, como o Palácio das Descobertas, criado em Paris, e o Museu de Ciências em Londres, que o adotaram com maior e menor ênfase o mesmo procedimento.

Nos Estados Unidos, o Museu de Ciências e Indústria de Chicago, aberto em 1933, desencadeou um movimento de criação de museus de ciências e tecnologia. Essas inovações, contudo, ainda se limitavam a alguns museus. A maior parte permanecia desatualizada e pouco receptível em relação ao grande público.

Na Rússia, em consequência da Revolução Comunista, o número de museus cresceu de 114 em 1917 para 738 em 1934 e o destaque na educação passou a ser prioritário.

Depois da Segunda Guerra Mundial, houve mudança de postura, colocando em segundo plano os objetos históricos e dando realce às exposições interativas voltadas à educação do público em ciências. Ao contrário de salientar o passado, a maioria dos novos museus e centro de ciências passou a se preocupar com o presente e o futuro e muitos deles não têm qualquer acervo histórico. Substituíram suas coleções de objetos por exposições e experimentos destinados a um maior envolvimento e aprendizagem dos visitantes, além da preocupação em fornecer informações atualizadas em ciências e tecnologias.

Nas décadas de 50 e 70, foram criados o *Oregon Museum of Science and Industry*, o *Fenbank Science Centre*, o *Lawrence Hall of Science* e *Exploratorium em São Francisco*, nos Estados Unidos. Na Holanda, o *Evoluon*, o *Ontario Science Centre*; em Toronto, no Canadá, o *Science Museum*; em Tóquio, o *Nagoya Municipal Science Museum*; e o *Singapore Science Centre* de Singapura.

A preocupação em desprender-se da imagem elitista tradicional tem prevalecido desde as próprias edificações até os acervos, além da tendência de uma ligação maior com a realidade cotidiana, com o meio ambiente e a divulgação científica. Muitos museus de ciências, para melhor explicar essa tendência, adotaram a denominação “centro de ciências” (Gaspar, 1993:17).

Apesar de ainda existirem museus que mantêm características antigas, a visão atual tem mostrado uma tendência de renovação que parece irreversível: os museus de ciências tendem a se tornar não só um lugar onde as pessoas têm um encontro com as conquistas passadas da humanidade, mas com a realidade dos dias atuais e com as perspectivas de futuro.

No Brasil, no decorrer do século XIX, primeiro o Museu Nacional do Rio de Janeiro e em seguida o conjunto dos museus brasileiros contribuíram no processo de institucionalização das Ciências Naturais no país. Nesses locais, armazenaram-se coleções em quantidade e em qualidade que permitiram estudos taxonômicos e sistemáticos.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1818, remonta à Casa dos Pássaros criada em 1784. Recebeu suas coleções, mas numa concepção oposta da Casa dos Pássaros, que era um entreposto colonial que enviava produtos naturais de todo o ultramar para os museus portugueses da Ajuda e de Coimbra.

Criado por D.João VI a seis de junho de 1818 e com a designação de Museu Real, deu continuidade à Casa de História Natural, criada pelo décimo segundo vice-rei do Brasil, Luiz Vasconcelos e Souza, abandonada pelo seu sucessor. “O seu acervo era constituído por uma coleção de mineralogia adquirida por Werner, um eminente professor de Friburgo, e mais tarde foi acrescido da coleção de zoologia por naturalistas que viajaram pelo Brasil, como Langsdorff, Natterer e Von Sellow (Ribeiro, 1989: 109:122).”

Era essencialmente prático o objetivo do museu, como se pode observar na cerimônia de sua fundação: “Querendo propagar os conhecimentos e os estudos das ciências naturais do Reino do Brasil que encerram em si milhares de objetos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em benefício do Comercio, da Indústria e das Artes, que muito desejo favorecer, com grandes mananciais de riquezas hei por bem nesta corte que se estabeleça um Museu Real... (Faria, 1949:1: 19)”.

Desse modo, como afirma Ribeiro, “além de depositário das riquezas do Brasil, que lhe cabia identificar, científica e utilitariamente, o Museu se tornaria consultor do governo imperial para assuntos de interesse econômico, fossem eles mineralógicos, agrícolas ou indústrias... (Ribeiro, 1989:109: 122)”. Na metade do século XIX, houve aumento do seu acervo com o recebimento de coleções antropológicas, zoológicas e biológicas, formando um conjunto respeitável.

No entanto, na opinião de Schwarcz, sofrendo de “um mal semelhante a outras instituições criadas por D.João VI, consideradas ‘efeitos de civilização’, ou estabelecimentos sem raízes profundas, o museu conserva-se longe dos ‘padrões científicos’ das instituições européias. O Museu Nacional parecia cumprir, no momento, papel antes de tudo comemorativo: espécie de depositário de coleções e curiosidades, e postas sem qualquer classificação ou delimitação científica. (Schwarcz, 1989:30)”.

A instituição foi aberta somente em 1821, com reservas “na quinta feira de cada semana, desde as dez horas da manhã a uma da tarde, não sendo dia santo, a todas as pessoas, assim estrangeiras como nacionais, que se fizerem dignas pelos conhecimentos e qualidades. (Schwartzman, 1979:58)”.

O que foi criado no Rio de Janeiro, na sede do Império português, foi um Museu Metropolitano de caráter enciclopédico e universal, criado como símbolo do urbano, da civilização e do progresso, seguindo o modelo dos grandes museus europeus, principalmente o Museu de História Natural de Paris.

Assim, dado o seu caráter metropolitano, o Museu Real, Imperial e posteriormente Nacional, reuniu em seu acervo não só coleções nacionais, como também européias, egípcias, greco-romanas e das antigas possessões portuguesas na África e Ásia.

O Museu Nacional passou por reformas em 1876, para tentar se igualar aos museus mais avançados do mundo. Foi criada a revista ‘Archivos do Museu Nacional,’ uma publicação trimestral que relatava os trabalhos produzidos na instituição por pesquisadores nacionais e estrangeiros convidados. De certa forma, a revista foi um símbolo dessa nova fase.

“É importante salientar a definição dos objetivos do museu que o primeiro numero de ‘Archivos’ exibiu: “O Museu Nacional é destinado ao estudo da história natural, particularmente do Brasil e ao ensino das ciências físicas e naturais, sobretudo em suas aplicações à agricultura, indústria e artes. (Schwarcz, 1989:32)”.

O museu oferecia então, além da revista, conferências sobre os diversos ramos da ciência, cursos públicos gratuitos e ampliação dos períodos de visitas para três dias por semana. Foi o seu auge, que persistiu até a década de 1920, que marcou o fim dos que alguns chamam a ‘era dos museus’ no Brasil. “Essa instituição cumpria papel relevante enquanto local de ensino e de produção científica. (Schwarcz, *apud* Abreu, 1996:163)”.

Na chamada ‘era dos museus’, um dos nossos museus de ciências que se sobressaiu foi o Museu Paraense, fundado na cidade de Belém em seis de outubro de 1866. Cumpriria, de acordo com Ferreira Penna, o papel de academia, já que Belém não possuía escolas superiores ou entidades de cunho científico.

Seu principal objetivo era: “O estudo da natureza amazônica, de sua flora e fauna, da constituição geológica, rochas e minerais, da geografia da imensa região bem como assuntos correlatos com a história do Pará e da Amazônia (Cunha, 1989:138)”. O Museu passou por algumas dificuldades que levaram à sua extinção em 1888. Reinaugurado em 1891, adquiriu novo impulso em 1893, com a contratação para administrá-lo do zoólogo suíço Emilio Goeldi.

Assim como Von Ihering no Museu Paulista, que abordaremos em seguida, Emílio Goeldi procurou fazer do Museu uma reprodução dos museus europeus. Segundo La Penha, Goeldi deu também a essa instituição uma vocação divulgadora:

Ele tinha essa idéia de transmitir o conhecimento para a grande população. Dizia que o dinheiro que sustentava a instituição vinha do povo (na época o museu era estadual). Consequentemente, aquele grupo seleto de cientista que vivia do dinheiro do povo tinha a obrigação de repartir com este mesmo povo o conhecimento que ele adquiria sobre a floresta Amazônica (La Penha, 1991:19).

Emilio Goeldi se empenhou em varias atividades, sendo o primeiro a montar uma exposição permanente “obviamente em estilo que lembra um gabinete de curiosidades do século XVIII, inaugurou palestras públicas, oportunas pelo interesse despertado pelo debate da borracha” (La Penha, 1991:19).

Emilio Goeldi permaneceu no museu até 1907 e, em 1931, o museu passou a se denominar Museu Paraense Emilio Goeldi, em razão não só de seu trabalho, mas, sobretudo, pela contribuição que deu ao Barão do Rio Branco na questão da delimitação de fronteiras entre o Amapá e a Guiana Francesa, nos anos de 1897 a 1899. (Gaspar, 1993:21).

Nessa mesma época, em 26 de julho de 1894, outro importante museu de ciências brasileiro, o Museu Paulista, foi inaugurado. A sua criação estava ligada à idéia da construção de um monumento comemorativo à independência do Brasil. O Museu teve início através da aquisição das coleções pertencentes a Joaquim Sertório, milionário paulista.

Sua coleção era composta de espécimes de história natural sem qualquer classificação. Havia peças dos mais variados gêneros: objetos indígenas, quadros, mobiliários, etc. Para o Museu ter um caráter científico e profissional, seguindo os moldes europeus, foi contratado como seu diretor no ano da sua inauguração o zoólogo alemão Hermann von Ihering . Este determinou como objeto de estudo do novo museu “estudar a história natural da América do Sul e em particular do Brasil, por meios científicos. (Schwarcz, 1989:41)”.

Publicou em 1895 o primeiro número da Revista do Museu Paulista, no qual, o como sugere Schwarcz, se destaca a “preocupação com padrões de cientificidade, apenas capazes de serem conseguidos a partir de regras de classificação corretas e de métodos pautados em moldes estrangeiros, e a alusão a uma espécie de ‘missão dos museus’, enquanto órgão com papéis de destaque, em função, no caso da carência de universidades, no país. (Schwarcz, 1989:43)”.

O Museu Paulista entrou em decadência como museu de ciências, tendo redefinidos seus projetos e pesquisas iniciais. Sua seção de biologia, a partir de 1927, foi transferida para o Instituto Biológico, recém-criado em 1939; sua seção de zoologia foi transferida à secretaria da Agricultura, tornando-se mais tarde o Museu de Zoologia da USP.

Para a antropóloga Regina Abreu, “do ponto de vista de uma História ou de uma Antropologia dos museus brasileiros, a criação do Museu de História Natural, em 1922, constituiu-se num divisor de águas entre os museus enciclopédicos, que deveriam dar mostras de todo o conhecimento humano, como assinalou Von Ihering, diretor do Museu Paulista, em 1895” (Abreu Regina, 1996: 163) e “um conjunto de museus criados posteriormente, vinculados à temática da brasilidade, especialmente da História e da Arte nacionais. (Schwarcz, *apud* Abreu Regina, 1996:163)”.

Entretanto a partir da década de 20, o Museu Paulista, o Museu Paraense e o Museu Nacional entraram em decadência. Esse fato deveu-se, entre outros fatores, ao sucesso da ciência aplicada. Para Schwartzmann, “na experiência da educação técnica, nos sucessos alcançados na cultura da saúde pública por alguns feitos expressivos na área da agricultura e pecuária, a ciência aplicada brasileira parece ter atingido seu auge nas primeiras décadas do século. (Schwartzmann, 1979:58)”.

Da década de 20 até a década de 80, em termos de museu de ciências sobressai apenas a criação do Museu de Ciências do Instituto Butantan em 1957, que se originou do trabalho de Vital Brasil, médico que, no final do século XIX, preocupou-se com os casos de envenenamento por animais peçonhentos, quando trabalhava na fazenda Butantan. Em 1901, o presidente Rodrigues Alves criou oficialmente o Instituto Butantan, que, além de estudos de animais peçonhentos, se tornou um dos principais produtores de soros e vacinas do Brasil. O Museu Butantan é uma unidade do Instituto, além de divulgar o seu trabalho.

Capítulo V

Museu Itinerante de José Hidasi: Uma Forma de Popularizar a Ciência

O longínquo é a distância no espaço e no tempo, é a referência a homens de outros tempos e lugares evocados pela força do pensamento e da imaginação (Olgária Mattos, 1999:440).



Figura 27: José Hidasi e o Museu “Exposição de Belezas Naturais”, na cidade de Catalão, no Estado de Goiás, em onze de outubro de 1968.

Em entrevista publicada no jornal “*O Eco*”, em 10 de setembro de 2004, José Fernando Pacheco, ornitólogo que dirige o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) do qual José Hidasi é membro honorário, define-o com um *self made man* e completa:

Um dos pioneiros vivos que construiu carreira no campo coletando pássaros, estudando-os e compondo coleções. Antigamente a caça ou a coleta era a única forma de estudar. Os binóculos e gravadores, ainda precários, impossibilitando a ciência por observação, só passaram a existir na virada dos anos 50 para 60. Mesmo assim como os cientistas daquela época tinham sido formados nas décadas de 20 e 30 e a mudança de mentalidade não se transformou de uma hora para outra, mas aos poucos (Oliveira e Aldé,2004).

Ainda na entrevista diz que a história do José Hidasi: “É um exemplo dessa progressiva conscientização. Hoje, todo o seu trabalho é pautado pela conservação e educação ambiental. (Oliveira e Aldé,2004)”.

A mudança ocorrida com José Hidasi é notada a partir do momento em que o seu Museu de Ornitologia já estava praticamente formado. Como foi um dos fundadores do Zoológico de Goiânia, recebia os animais mortos para serem taxidermizados. Nesse mesmo período e como ele diz: “sempre acompanhei o que estava acontecendo na ciência e através de pesquisas já observava que algumas espécies, mesmo do cerrado, haviam diminuído não só pela atuação dos caçadores, mas pela agricultura e principalmente pela pecuária. (José Hidasi, em entrevista de 04.06.2005)”.

Até então eram permitidas a caça e coleta de animais silvestres. A referida lei somente passou a vigorar em 1967. Mas José Hidasi sempre teve autorização dos órgãos competentes e possuía carteira e documentos que lhe autorizavam a fazer coletas para os museus nacionais.

Foi através de uma mudança de comportamento e uma idéia trazida pelo seu filho José Hidasi, que na época cursava medicina, que o taxidermista passou a fazer exposição e ao mesmo tempo divulgar um museu. Escolheu alguns animais e resolveu levá-los para a festa do Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade, uma romaria que acontece todos os anos reunindo multidões de fiéis.

Chegando lá, na sua Rural Willys, isto em 1965, fez um puxado com caibro que cobriu com lonas, para compor uma exposição. Colocou animais do cerrado e principalmente animais com anomalias, de diferentes regiões do mundo, que chamavam mais atenção do público. Armou a sua pequena exposição em frente à prefeitura: “naquele tempo o espaço era de graça, hoje é caríssimo! Coloquei um lobo guará em cima do improvisado puxado e coloquei o nome de Belezas Naturais. (José Hidasi, em entrevista de 08.08.2005)”.



Figura 28: O Índio Xavante e a Rural Willys, de José Hidasi, em frente à sua residência em Campinas, quando estava sendo carregada para a exposição na cidade de Trindade. (José Hidasi, 1965).

Começou a notar as reações do público que passava curioso em frente da sua pequena exposição e, como já havia tirado as licenças para o seu funcionamento, colocou um preço popular. Para sua surpresa, até o governador da época, Otávio Lage, e seu secretariado conheceram o seu acervo e o convidaram para expor na Exposição Agropecuária de Goiânia: “Nunca ganhei tanto dinheiro, num único dia! (José Hidasi, em entrevista de 08.08.2005)”.

Esse foi o início do que viria a ser o Museu Itinerante ou Museu Volante, que surgiu para a realização pessoal de José Hidasi, através da dedicação e do idealismo, os vetores de sua obra. O pequeno e improvisado Museu começou a circular por cidades próximas a Goiânia, como Catalão de Goiás.

Com preço popular, o seu público aos poucos ia chegando. Suas curiosidades e animais exóticos eram um convite para a entrada. As notícias se espalhavam pela cidade. Os alunos e professores das escolas visitavam a exposição: alguns se encantavam, outros se assustavam com o acervo.

Praticamente trabalhava sozinho. Reunia pequenos grupos, pois o seu espaço era limitado. Explicava sobre os animais expostos. Juntou algum dinheiro com as exposições, uma pequena chácara que possuía em Aragoiânia, e sua Rural Willys, para comprar um caminhão de transportar bois. Queria percorrer maiores distâncias. Aproveitou as madeiras e ampliou seu museu em cima do caminhão, obtendo mais espaço para expor maior número de animais e podendo trabalhar com a iluminação.



Figura 29: Parte interna do caminhão onde funcionava o Museu Itinerante, na cidade de Anápolis, no Estado de Goiás. (José Hidasi, 1969).

Não havia mais a inconveniência de montar e desmontar o museu a cada cidade em que chegava. E a quantidade do acervo poderia variar. Começou a levar animais vivos, como cobras, macacos e alguns pássaros.

Nessa estrutura melhorada, circulou por cidades do Estado de Goiás, como Pirenópolis, Anápolis, Corumbá de Goiás, Palmeiras, Rio Verde, chegando a Montes Belos, em Minas Gerais. Isto em meados de 1969. Onde houvesse uma exposição agropecuária ou festa religiosa lá estava Jose Hidasi com seu caminhão de curiosidades.



Figura 30: Museu Itinerante em exposição na cidade de Anápolis, no Estado de Goiás. (José Hidasi, 1969).

Em sua vida, José Hidasí traçou seu papel social no qual se auto-define:

Eu era um elo entre o cientista e o povo. Em palavras singelas, eu mostrava a importância da ornitologia para um público simples. A maioria não conhecia e nem se interessava por acervos científicos. Atrás dos explicativos do Dr. Sick, compilei sua instrução, as coleções científicas que eram a sua paixão ficavam sempre escondidas, guardadas no Museu Nacional. Não tem muito atrativos para um público simples, mas para os estudiosos da área. Aos poucos, fui descobrindo que as pessoas que entravam no Museu tinham interesse, pois muitos daqueles animais eles conheciam apenas através dos livros escolares, e alguns nunca nem tinham visto, já que o Brasil de 1969 não é o de hoje (José Hidasí, em entrevista de 12.08.2005).

Usando a sua criatividade e perseverança, melhorou a aparência do Museu, colocando janelas para arejar e dar mais segurança. Partiu para o interior do Mato Grosso, chegando a Cuiabá.



Figura 31: Museu Itinerante: parte interna do caminhão quando foi reformado e foram colocadas janelas. (José Hidasi, 1970).

Ao retornar para Goiânia, em 1973, publicou o “*Catálogo de Aves do Museu Ornitologia*”, especialmente das regiões do Centro Oeste e da Amazônia, e “*Os Animais Protegidos do Pantanal de Mato Grosso*”.

Aceitou o convite feito pelo reitor da Universidade Federal do Mato Grosso, que visitou o seu museu ambulante, e lá trabalhou como professor. Ajudou na composição dos acervos culturais e científicos dos Museus das Monções e Didático de História Natural da Universidade Federal de Cuiabá, em Mato Grosso, permanecendo na cidade até 1975.

Com um novo projeto do Museu Itinerante, José Hidasi vendeu o caminhão e comprou um ônibus. Tornar-se-ia em um pioneiro no Brasil nesse tipo de trabalho de divulgação da fauna do cerrado, do apelo contra a devastação e da Educação Ambiental.

Essa mudança de metodologia de trabalho marcou o processo construído por José Hidasi de Naturalista Profissional, o que era permitido na época, como faz questão de reforçar: “dentro das leis...”, a Naturalista Ambiental, registrando suas memórias e seus discursos:

As histórias desta gente simples que entrava no meu ônibus dá para fazer um livro. Certo dia uma senhora que estava olhando os acervos parou à frente do pingüim imperial taxidermizado e me pediu para abrir a vitrine para passar a mão no peito do pingüim. Pediam-me para raspar o bico do tucano para fazer chá, outros me pediam o jabuti vivo, para levar até a casa e dormir com ele no quarto para se curar da asma. No Nordeste havia muitas pessoas à procura de fezes da jibóia, que, misturada à cachaça, curava o alcoolismo! São crendices populares que conheci no meio dessa gente (Jose Hidasi, entrevista de 12.08.2005).



Figura 32: Museu Itinerante em exposição na cidade de Pirenópolis, no Estado de Goiás. (José Hidasi, 1979).

A sua intenção era popularizar a ciência biológica e ganhar o seu sustento. Propunha como cientista, como “quem conhece protege” e “falava, por exemplo, sobre a cobra cascavel, que é muito boa, não quer fazer mal, ela precisa do seu veneno, não tem intenção de morder, ela dá o alarme com o seu chocalho, avisando da sua presença, é o homem quem invade o seu território. Dessa forma, falava também da importância do tatu canastra e da sua extinção. (José Hidasi, entrevista de 12.08.2005)”.

Viajou pelo país por uns vinte anos e encabeçou e embasou campanhas educativas que, de uma forma ou outra, repercutiram nas pessoas. O Museu Itinerante, por onde passava, exercia atração e seu público maior eram as cidades do interior, onde a carência de material didático era enorme. Também percorreu muitas capitais.

No início deste trabalho de pesquisa, fui até a Praça Universitária para ver uma exposição no Arqueobus. Em conversa com o arqueólogo Paulo Zanetinni, que estava explicando sobre o arqueobus ou estação móvel, cuja idéia é fomentar diversas atividades educativas para a população de baixa renda, pude registrar: “O arqueobus foi criado não apenas para dar apoio à pesquisa, mas também para transformar em um instrumento multimeio que possa divulgar os principais trabalhos realizados por arqueólogos brasileiros”.

Na conversa, descobri que Zanetinni, quando vivia no interior de São Paulo, havia quando garoto entrado num ônibus que lhe impressionara muito: “Existiam coisas bizarras, como, por exemplo, bezerros com duas cabeças, galinhas com três pés, pássaros exóticos, cobras. Quando projetei este ônibus lembrava desta passagem em minha infância. (Zanetinni, entrevista de 02.12.2004)”.



Figura 33: O arqueobus de Paulo Zanettini, em exposição na Praça Universitária de Goiânia, no Estado de Goiás. (Rosângela Perotti.2004)

Em depoimento, Siron Franco, artista plástico goiano, disse que guarda em sua memória uma das sensações mais fortes que teve, em Goiânia, aos 12 anos, quando entrou em um ônibus estacionado na Avenida Goiás com a Avenida Araguaia. Dentro havia peixe elétrico, animais com duas cabeças, serpentes. Nunca se esqueceria dessa exposição. Em 1970, essas lembranças se refletiriam em sua obra, no quadro “*Nascimento Duplo*” (Depoimento registrado no documentário *A Cegonha Dourada*).

São muitas as histórias por onde passou o Museu Itinerante, marcando, através da memória, os apaixonados pelas ciências. Foram anos de estradas e um acidente que acabou com o ônibus. Mas não com a determinação de José Hidasi, que comprou novamente outro e deu-lhe o nome de “*Curiosidades da Natureza*”, que se encontra no Memorial do Cerrado da Universidade Católica de Goiás.

Sua atividade como pesquisador não parou por conta das viagens. Tampouco o seu trabalho como técnico. Em 1980, publicou “*Boletim do Museu de Ornitologia*” e “*Aves de Goiás*”.

Quando os seus serviços eram requisitados pelos museus do Brasil e de outros países, ele ia ao lugar para aperfeiçoar, fazer contato e melhorar seus conhecimentos. Foram quatorze os museus em cuja composição e restauração de acervos culturais e científicos José Hidas trabalhou. Dentre eles: em Buenos Aires, Argentina, o Museu Nacional Rivadávia Xavier; no Chile, o Museu Nacional; na França, o Museu Nacional; na Hungria, o Museu Nacional de Budapeste e Móra Perene Múzeum, em Szeged; na África, o Museu Nacional do Kênia e o Transvaal Museum em Pretória.

No Australian Museum, em Sydney, estudou e estagiou, e compôs sua tese de doutorado: “*Sistemática Animal: Conceitos Antigos e Conceitos Novos*”, em 1993, que defendeu em Benson, no Arizona, na World University Roundtable.

Na Fundação Ornitológica de Goiânia, antigo Museu de Ornitologia também doado para a Prefeitura Municipal, foram coligidas quinze mil espécies de aves, sendo que destas, seis mil encontram-se na referida Fundação e a outra parte foi enviada para os museus nacionais e para o estrangeiro.

Capítulo VI

Museu de Ornitologia - Patrimônio Cultural a Serviço da Comunidade

A taxidermia é uma técnica ou arte que busca a eternidade, como já foi citado. Trabalha com a conservação da pele, planos e tamanho (grandeza, volume, dimensão, corpo), portanto, a forma, em analogia com a arquitetura, que também utiliza a forma como uma das suas diretrizes. Em 1919, Walter Gropius, da Escola de Bauhaus, escreveu o primeiro manifesto influenciado pelos ideais do impressionismo da Alemanha pós-guerra. Proclamava a união de artistas e arquitetos na procura de melhorar a relação entre: forma e material, forma e função e entre a forma e o modo de produção.

A forma sempre esteve presente na produção de bens materiais e é justamente essa forma dos animais taxidermizados por José Hidasi que poderá ser manuseada para o conhecimento da comunidade. Na Constituição Brasileira de 1988, no seu artigo 216, a idéia de patrimônio vem acompanhada do objetivo cultural e, por conseguinte:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II os modos de criar, fazer e viver; III as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-cultural e V os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Brasil, Constituição, 2000[1988]: 25).

Ao agregar o termo cultural, o artigo favoreceu a inclusão de diferentes resultados do trabalho do homem como bem cultural e, portanto, como patrimônio a ser respeitado e protegido. E é esse patrimônio cultural produzido por José Hidasí que tem um valor na ciência e na comunidade, especialmente didático e lúdico.

Nas coleções do Museu de José Hidasí estão preservados animais coletados em *habitat* que hoje não existem, destruídos pelo avanço das cidades, da pecuária, da agricultura ou das inúmeras ações extrativistas.

Sua opulência está em proporcionar o estudo de espécies extintas, ou ameaçadas de extinção, a variação geográfica das espécies de distintos grupos, padrões de evolução de caracteres e as relações de parentesco entre animais nos seus vários níveis de hierarquia. Através desses estudos e do ponto de vista lógico, é possível organizar hipóteses sobre a evolução dos animais e o passado de nossas paisagens e de sua história ecológica.

Também a relação entre o museu e a educação traz como consequência reconhecer que, na sua própria descrição, o museu sempre teve o caráter pedagógico.

Intenção, nem sempre confessa, de defender e transmitir certa articulação de idéias seja o nacionalismo, o regionalismo, a classificação geral dos elementos da natureza, o elogio a determinadas personalidades, o conhecimento sobre certo período histórico, a chamada 'consciência crítica'... Qualquer museu é o lugar onde se expõem objetos, e isso compõe processos comunicativos que necessariamente se constituem na seleção das peças que devem ir para o acervo e no modo de ordenar as exposições. Tudo isso sempre se orienta por determinada postura teórica, que pode ir dos moldes de doutrinação até parâmetros que estimulam o ato de reflexão. Em outros termos: não há museu inocente. (Ramos, 2004:14).

Consequentemente, é se baseando em coleções de Museus que surgem trabalhos importantes na área de conservação biológica, tema de grande valor atualmente. Sendo assim, os países enfrentam um desafio sem proporções precedentes. Devido ao impacto acumulado das atividades humanas sobre os ecossistemas terrestres, o ser humano está prestes a perder muito dessa biodiversidade e toda contribuição que ela pode gerar para nosso sustento e bem-estar futuros.

A importância em sistematizar a biologia como uma ciência é determinante para o entendimento da biodiversidade e não deve ser vista com surpresa, pois esses acervos científicos englobam algumas das mais importantes questões de toda a biologia. Como por exemplo: a quantidade de espécies que vivem nos ecossistemas, onde estão distribuídas e como se relacionam umas às outras.

Joel Cracraft, do Departamento de ornitologia do *American Museum of Natural History, Memori Naturalis*, comenta que as tentativas de responder a essas questões são a informação (taxonômica, distributiva, ecológica entre outras) associada aos espécimes já depositados nos acervos biológicos mundiais.

“A comparação entre as espécimes já depositadas é crucial para que se descreva novas diversidades e para se compreender as relações entre as espécies. Mais ainda, uma vez informatizados, os dados sobre as espécies alcançam novas questões científicas, gerando diferentes enfoques para a compreensão, gerenciamento e conservação da biodiversidade... (Joel Cracraft, 2004)” .

Atualmente, pequena parte destes acervos biológicos está disponível em acervos digitais e este sem dúvida será um dos grandes desafios que os museus e demais instituições guardiãs sócio-ambientais terão de enfrentar.

As coleções contribuem para a educação, a pesquisa, a conservação e a sua sustentabilidade. É importante que as instituições divulguem os seus acervos, pois tanto as coleções construídas por José Hidasi como as coleções reunidas pelos Museus Nacional e Goeldi e outros espalhados pelo Brasil são de importância local e global.

Joel Cracraft ressalta que o momento é ideal para o surgimento da “*Memória Naturalis*”, através de uma rede informatizada com dados da biodiversidade e compartilhando a experiência e tecnologia de cada instituição. Melhorar o atendimento ao público e aos públicos e aos estudantes não significa transformar o museu em um segmento da escola, mas ter:

Clareza sobre sua posição educativa, que passa pela pesquisa de acervo, montagem de exposições fundamentadas e atividades com as escolas. O museu torna-se mais didático, mais provocativo e lúdico, criando posições para um relacionamento mais profundo com o variado espectro dos outros visitantes. Não se trata de promover ou reafirmar uma ‘escolarização’ do museu, e sim estudar a multiplicidade de papéis educativos que pode ser assumida pelo espaço museológico. (Lopes, 1991:13).

É interessante compreender o papel do Museu de Ornitologia construído pelo José Hidasí como um patrimônio científico e cultural. Grande número de espécimes já foi doado para a Universidade Católica de Goiás. O seu acervo é da maior importância para fazer parte da rede informatizada para a construção de um patrimônio cultural global, no qual o acesso e o estudo seriam mais viáveis.

Em tempos atuais, assistimos a quantidades de museus sendo criados, à patrimonialização de elementos urbanos os mais diversos, aos inventários dos saberes e fazeres, enfim a uma próspera valorização do que denominamos Patrimônio Cultural.

No caso dos museus, é insuficiente que um museu exista apenas por suas coleções, como um lugar para conservar, proteger, do mesmo modo que é insuficiente preservar este patrimônio cultural sem que essa preservação tenha um sentido para a comunidade.

Uma maneira de tornar um museu mais do que um depósito para as coleções importantes ou não é a Educação Patrimonial, que é também uma forma de aliar a preservação do patrimônio aos interesses da comunidade.

Existe hoje certo consenso sobre a necessidade da prática de Educação Patrimonial. Pondera-se que “O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo da preservação sustentável desses bens, assim como o fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. (Horta, e Monteiro, 1999:6)”.

O Patrimônio não é mais, ou não é apenas, o edifício monumental declarado como tal pelo Estado, mas algo como “um conjunto determinado de bens tangíveis, intangíveis e naturais envolvendo saberes, e práticas sociais, a que se atribui determinados valores e desejos de transmissão de um tempo para outro ou de uma geração para outra geração. (Chagas,2002:Mimeo)”.

Se não há exigência de monumentalidade, raridade ou antiguidade, o que diferencia um bem patrimonial de outro não patrimonial é o significado a ele atribuído por um grupo social. E o desejo de preservação dos acervos do patrimônio cultural e ambiental, de mantê-lo ou transmiti-lo ao longo do tempo.

Portanto, a obra construída por José Hidasí durante estes anos de trabalho e pesquisa é um patrimônio cultural reunindo várias espécies não somente da nossa fauna, mas de outros continentes, adquiridos através de compras ou de permuta.

Ma há ainda um a mais na importância de museus com o Museu de José Hidasí. De acordo com a definição do ICOM (*International Council of Museums*), museu é uma instituição aberta ao público em geral. Nenhuma restrição pode ser imposta a nenhum tipo de visitante. Assim, raça, cor, religião, afiliação político-partidária, idade ou condição física e/ou mental não podem ser empecilhos para qualquer visitante. O que democratiza os museus às comunidades.

Esta preocupação tornou-se mais evidente após a Segunda Guerra Mundial, quando muitos museus europeus tiveram de ser reconstruídos ou restaurados. A grande quantidade de ex-soldados mutilados física e psicologicamente fez com que as autoridades governamentais de quase todos os países se preocupassem com aqueles que tinham sido a salvaguarda de suas pátrias.

Assim, pela história dos deficientes físicos, a história da museologia escreve um capítulo importante, abrindo suas salas de exibição a pessoas simples que passaram a ter mais opções de lazer. A Guerra do Vietnã deixou um rastro de morte e destruição e trouxe para os Estados Unidos da América uma grande quantidade de mutilados. A palavra inglesa “*handicapped*” nunca tinha sido tão proferida até os conturbados anos 60.

Porém, um outro fato revelava que havia uma quantidade de deficientes físicos e mentais muitas vezes maior do que o detectado. Uma quantidade de pessoas, que nada tinha em comum com a Guerra, passou a ter outras opções de entretenimento, de cultura e de conhecimento pessoal.

Existem hoje no Brasil instituições que se preocupam em dar apoio social para essa comunidade, como o Museu do Instituto Butantan (MIB) e o Museu do Instituto Biológico (MIBIO), ambos situados em São Paulo. Adequaram seus espaços externos e internos à comunidade e, inclusive, possuem um atendimento voltado para as pessoas portadoras de necessidades especiais.

Também há, nessas instituições, programas voltados para a educação: vários animais taxidermizados próprios para o manuseio, como exemplares de serpentes, artrópodes peçonhentos, grandes ossos, esqueletos crânios de animais, couros.

Os acervos culturais produzidos por José Hidasi contribuem para esse tipo de trabalho, pois é rico em variedade possui varias espécies de nossa fauna, principalmente do cerrado, e em especial uma riqueza na avifauna.

Seu material, podendo ser tocado e sentido, auxilia no aprendizado de deficientes visuais, o que reduz o preconceito e, conseqüentemente, promove uma maior integração dessas pessoas na sociedade.

Para cada tipo de deficiência, os acervos podem ser separados. No caso dos deficientes visuais, além das gravações de vários sons produzidos por animais, eles podem ser tocados, sentida a textura, a sua forma e tamanho.

Já os deficientes auditivos podem ver sua forma, seu tamanho, a vivacidade das cores. Para as pessoas com problemas mentais e motores, de acordo com a gravidade da deficiência, podem-se adequar os acervos para satisfazer sua curiosidade. Por mais grave que seja a deficiência, sempre a algo a ser ensinado, ou sempre a algo a se aprender.

CONCLUSÃO

É inegável que, a criatividade de José Hidasi, conciliada com a pesquisa e o conhecimento, arquitetou um dos mais ricos patrimônios científicos e culturais deste país. A beleza, variedade e utilidade dos seus acervos têm importância inquestionável para a sociedade.

Esse patrimônio, bem cultural, consequência da ação do homem, é o “fruto da relação que estabelece com a natureza e com os outros homens. Quando o homem transforma a natureza para satisfazer suas necessidades, através do trabalho, ele produz objetos, cria instrumentos e utensílios, estabelece normas, elabora regras de convivência, expressa seus sentimentos, emoções, lida de diferentes formas com elementos extra-humanos e organiza ritos e celebrações para expressar suas crenças (Machado, 2004:6)”.

Se bem cultural é rastro da ação humana e possui uma significação cultural, os acervos de José Hidasi bem como os documentos etnológicos produzidos pelos naturalistas são patrimônios que contribuem para a formação da sociedade. Desconsiderar essas produções seria desprezar as nossas raízes.

O papel social realizado por José Hidasi ao longo do seu tempo foi marcado pela mudança de comportamento de naturalista profissional, na época respaldado por uma legislação e pela tradição alemã, para a de naturalista Ambiental.

Esse processo passou a vigorar no Museu Itinerante que percorreu por vinte anos o país fazendo um trabalho pioneiro de Educação Ambiental, tornando-se “elo” entre a ciência e a comunidade.

Na construção dos acervos, os naturalistas pesquisadores de certa forma produziram narrativas etnológicas, relatadas através de uma visão inspirada no pensamento europeu. São relatos que tornam perceptível a participação dos indígenas que, incontestavelmente, contribuíram e muito para que os naturalistas adquirissem seus objetos de estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J.L.N. *Visões sobre a natureza no século XVIII: Religião, Empíria e Ciência na América Portuguesa. Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-MG*. Juiz de Fora, julho de 2004.

ABREU, R. *A Fabricação do Imortal*. Lapa/Rocco, 1996:163.

BRASIL, *Constituição*. Saraiva São Paulo, 2000[1988]: 25.

CORREA, M. *A doutora Emilia e a tradição naturalista. Revista Horizontes Antropológicos, n° 1*, Porto Alegre, 1995:37: 45.

CHAGAS, M. *Preservação do Patrimônio Cultural: Educação e Museu*. Texto distribuído nas Oficinas Patrimônio Cultural Memória Social e Museus. Casa Rui Barbosa/FCRB/MINC, 2002, Mimeo.

CUNHA, O.R. *Talento e Altitude: Estudos Biográficos do Museu Emilio Goeldi I* Belém, MPEG – *Coletânea das Publicações do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Vo 8 1989: 138.

DAMATTA, R. *Você sabe com quem está falando In Carnavais, Malandros e Heróis* 3ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

FARIA L, C. *As expedições de Antropologia e Arqueologia do Museu Nacional – Publicações Avulsas do Museu Nacional – Rio de Janeiro*, Vo 4, 1949:1:19.

FEDERSONI, Jr, P.A. *Animais peçonhentos ensinam educação ambiental no Museu do Instituto Butantan, Loucura? Não!* – *Ciências em Museus* 1(2), 1989: 143:157.

FOUCAULT, M. *Les Mots et les Choses (Une Arqueologie des Sciences Humaines)* Paris: Gallimard, 1966.

FREUD, S. Sobre a Transitoriedade. *In: Edições Standart das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1997[1915]: 345 vol. XIV.

GASPAR, A. *Museus e Centros de Ciências – Conceituação e Proposta de um Referencial Teórico*. São Paulo, 1993. USP.

GRUPIONI, L.D. *Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. Ed. Anpocs, São Paulo, 1998.

GOELDI, E. Johannes Von Natterer, *Bibliografia. Bol.Mus.Goeldi* 1(3) 1896,189 :217

HIDASI, J. *Notas da Fauna e Índios, numa Viagem de reconhecimento às Cordilheiras do Parima (Fronteira do Brasil com a Venezuela)*, 1962 mimeografadas pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

_____. *Notas da Fauna e Índios numa viagem de coleta em Rondônia*, 1962 mimeografadas pela Secretaria de Educação do estado de Goiás.

HOLANDA, S.B. *Visão do paraíso*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 2000[1959].

HORTA, M.L.P. GRUNBERG, E., MONTEIRO, A.Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília*: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999:6.

LA PENHA, G, M. *Centros de Ciências: Novas Funções - In: A hora e lugar dos Centros de Ciências – Mesa Redonda da 4ª Reunião anual da SBPC – Porto Alegre – RS – 10/07/1990 – Publicação VITAE – São Paulo, 1991:19.*

LOPES, M.M. *As ciências Naturais e os Museus no Brasil no século XIX*. Ed.USP, 1993.

MACHADO, M.B.P. *Educação Patrimonial: Orientações para professores do ensino fundamental e médio*. Caxias do Sul - RS. Maneco Livre & Ed., 2004: 6.

PRATT, M.L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, São Paulo, 1999. Editora EDUSC

PRESTES, M. E. B. *A investigação da Natureza no Brasil Colonial*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

RAMIRES, E.S. *As relações entre a Áustria e o Brasil (1915 – 1889)* São Paulo. Companhia Ed. Brasileira, 1968:160 Vo. 337

RAMOS, F. R. L. *A danação do Objeto*. Chapecó. Ed.Argos, 2004:14

RIBEIRO, B.G. *Museu e Memória Reflexões sobre o Colecionamento - Ciências em Museus 1/2*, 1989:109: 122.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II). *Revista Mana*, Rio de Janeiro nº 02, outubro de 1997.

SCHWARCZ, L. K. M. A natureza como Paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. *Revista USP*, São Paulo, nº 58:6: 29 junho/agosto. 2003.

SCHWARCZ, L.K.M. *O nascimento dos Museus Brasileiros: 1870 – 1910* –Micelli, S (org) – Ed. Vértice – São Paulo, 1989:30.

SCHWARTZMANN, S. *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. Ed. Finep/Cen, 1979:58.

SICK. H. *Tukani Entre os animais e os índios no Brasil Central*. Ed.Marigo Comunicação Visual Ltda. Rio de Janeiro 1997[1957]

SILVEIRA, M.S. *Evolução, Ciência e Tecnologia: Teoria de Darwin como um Mito Evolucionista*. *Fragm. Cult. Goiânia* v. 13 n. 1:99-113 jan/fev.2003.

STRAUSS. L.C. *O pensamento selvagem*. São Paulo, Ed. Nacional. 1976

WOORTMANN, K. *O selvagem e o Novo Mundo*. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2004.

SITES:

Aparecida Vilaça. www.pegue.com/indio/wari/htm

Joe Cracraft. Memória Naturalis. www.news.htm

Maria Helena Machado <http://drclas.fas.harvard.ed/revista/>

Paulo Zanetinni arqueoz@uol.com.br

Cronologia de Vida e Obra

1926- Nasce na cidade de Makó, na Hungria, em 9 de maio, filho de Joseph Hidasi e Puazka Király.

1936- Termina o primário na Escola Makói Elemi Iskola e ingressa no ginásio Makói Polgári Iskola.

1942- Ingressa no colegial, no Liceu Erettsegi Bizonyitvány.

1945- Forma-se professor na escola normalista da cidade de Kirkunfélegyháza, na Hungria.

1948- Foge para a Alemanha, onde trabalha na organização YWCA (*Yonng world Cristian Association*) e segue para a França, onde cursa Letras e Ciências Naturais na Universidade de Lille.

1950- Chega ao Brasil em 1º de novembro e começa a trabalhar na Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura no Rio de Janeiro.

1951- Conhece Helmut Sick e trabalha na Fundação Brasil Central, onde inicia as expedições pelo Brasil.

1952- Casa-se com Maria Madalena Sobreira do Amaral e participa da fundação do Museu de Aragarças em Goiás e de um pequeno zoológico.

1954- Chega em Goiânia e trabalha na Secretaria da Agricultura do Estado de Goiás como naturalista.

1956- Ajuda a idealizar o Parque Zoológico de Goiânia, onde cria o Museu de Zoologia do Parque Educativo.

1959- Reorganiza os acervos científicos e culturais do Museu Emílio Goeldi.

1960- Publica através da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, “*Notas da Fauna e Índios numa coleta em Rondônia*”.

1962- Naturaliza-se brasileiro e publica “*Notas de uma viagem de reconhecimento nas Cordilheiras do Parima*” (fronteira do Brasil com a Venezuela).

1964- Assume o cargo de mentor do Museu Zoológico e Etnológico de Porto Velho-RO.

1966- Publica “*Álbum de Aves de Goiás - As corujas*”, 1ª parte.

1968- Cria o Museu de Ornitologia de Goiânia, hoje Fundação, e inicia viagens pelo Brasil com o Museu Itinerante.

1970- Publica “*Chaves Classificatórias de Aves*”.

1971- Organiza o laboratório de Taxidermia da Universidade Rural de Pernambuco.

1973- Publica “*Catálogo de Aves do Museu de Ornitologia - Especialmente da Região Centro-Oeste e Amazônica*” e “*Os animais protegidos do Pantanal de Mato Grosso*”.

1975- Cria o Museu dos Bandeirantes em Cuiabá, Mato Grosso.

1993- Conclui na World University Roundtable, nos Estados Unidos da América, o curso de Doutorado em Ciências Biológicas.

1994- Cria o Museu de Ecologia e Sistemática para a Universidade do Tocantins, localizado em Porto Nacional (TO).

1996- Publica “*Aves de Tocantins*”, dicionário de bolso.

2004- É homenageado pela Embaixada da Hungria com a Medalha de Ouro do Presidente da República da Hungria, pelo desenvolvimento das relações científicas Húngaro-brasileiras.

2005- Inaugura, nas cidades de Jataí e Caldas Novas, em Goiás, o Museu do Cerrado.

Iconografia de José Hidasi



Família Hidasi – O pai Joseph Hidasi e a mãe Puaszka Király, sua irmã Juliana com 6 anos e Hidasi com 10 anos, na Cidade de Makó, na Hungria .Nessa época, cursava o primário na escola Makói Elemi Iskola (1932 a 1936) .



Jose Hidasi com 11 anos, na cidade de Makó, na Hungria em 1937. Era membro dos escoteiros. Pertencia ao grupo nº. 596 .



Jose Hidasi em 1941, com 15 anos, em uma caçada próximo ao Rio Maros, divisa entre a Hungria e a Romênia.



Jose Hidasi com 17 anos, na cidade de Makó, na Hungria, no ano de 1943, quando fazia o colegial no Liceu Erettsegi Bizonyitvány



José Hidasi com 19 anos (o segundo da esquerda para a direita), com os colegas de pára-queda, próximo a Budapeste, na Hungria, preparando-se para saltar em 1945.



Jose Hidasi (o segundo da esquerda para direita), quando estudava na escola normalista, em 1946, na cidade de Kiskunfélegyháza, na Hungria, com o seu professor de História.



O padre Francisco Németh, na cidade Roubaix Tourcoing, na França, em frente à casa de apoio aos refugiados, onde José Hidasi residiu, em 1948.



O conjunto musical formado por José Hidasi no acordeon, com seus amigos, Vigh Bela, que tocava violino, Kordics Sandor no violão. Apresentavam-se na Igreja Católica da cidade de Roubaix Tourcoing, no extremo norte da França, em 1950.



José Hidasi na cidade de Pindaíba, no Estado do Mato Grosso, em 1951, quando trabalhava para a Fundação Brasil Central.



José Hidasi e sua esposa, Maria Madalena Hidasi, com Helmut Sick ,na cidade de Aragarças, Estado de Goiás, em 1953.O lobo guará foi taxidermizado por José Hidasi para o museu da Fundação Brasil Central.

ANEXO 01

Relação de Documentos e Correspondências

Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio
INSPECTORIA DOS CÓDIGOS RURAIS

interior
CAÇA
Caça

LICENÇA DE CAÇA ANO 1951

INTERESSADO: José Hidasi
CIDADE: Aragarças

RESIDENCIA: Rua N.º 763

A licença foi extraída em 5 de Maio de 1951

PORTE DE ARMA

Ficha N.º 319 Matricula N.º 3199

Licença de Caça expedida pela Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, em 1951.

Carta enviada para José Hidasi em 10 de outubro de 1952, referente a materiais para o serviço para a coleta de animais.

Helmut Sick comunica sobre a exposição em Aragarças no dia 19 de abril, aniversário de Getúlio Vargas.

Rio, 10.III.52.

Prezado Hidasi,

Segue com este CAN o seguinte material para o serviço :

Estopa de madeira
" " calafate
Tinta óleo preta, lata
" " em cores, tubos
Esmalte
Gesso
Terepentina
Formol
Cola tudo, tubo
" Duperial, lata
Fubá
Algodão branco.

Coisas particulares :
Material Foto "Ideal" (Cr.260.-)
Dermobensol (Cr.20.-)
Botinas borracha (Cr.50.-)
1 lâmpada para 5 pilhas; tem que dizer se precisa com rosca (veja amostra) ou com flansch.

Material para outros destinatários :
Damásio Rodrigues Ramos : 1 espingarda 22, + 200 balas (segue no sacco de correspondência); 1 bandoleira (segue como anexo).
Da. Missú : 3 m fazenda; na caixote com o material de laboratório.

Como já comuniquei por rádio é planejada uma exposição em Aragarças no dia 19 de abril (aniversário de Getúlio Vargas). Serão providenciados armários e estantes para acondicionar o material no Hotel de Aragarças e temos que apertar definitivamente todo material disponível.

Estou esperando a onça vermelha para poder encaminhar o corturo.

Reclamei o seu pagamento que será feito por intermédio do Serviço Pessoal em Aragarças.

Felizidades
H. SICK

FUNDAÇÃO
BRASIL CENTRAL

Rio, 15.III.1954.

Prezado Hidasi,

Chegou, entretanto, sua carta de 8.III., com explicações sobre despesas etc., e chegou também o João Bobo, que vou hoje dar ao despachante. A primeira caixa com frutas me foi entregue depois da minha viagem a Espírito Santo - claro que foi tudo apodrecido. Encontrei o filme que mandei revelar. Uma segunda caixa com frutas não chegou. É muito pena - temos que parar com estas remessas, não a esperança quase nula que as frutas cheguem bem no Rio!

O inventário chegou também. Faltavam algumas coisas, como fogão, Lampião, máquina para afiar facas etc.

Segue, hoje, sua licença de caça.

Continua grande confusão sobre os transportes de material daqui para Aragarças. Nesta vez tiraram outra vez metade da carga. Ficaram assim terebentina (garrafa verde, sem designação, comprado por você no Rio, junto com algumas latinhas), formalina e o vidro, bem o soro.*

Calcule bem se não falta nada mais para aprontar os grupos de des para o dia 19 de abril (sussurana, porco de mato, tamanduá-deira, surucucú etc.). Se faltar qualquer coisa, avisar por rádio para mandar quanto antes ou eu mesmo levar para Aragarças.

O creosoto é contra mofo. Colocar dentro das vitrinas 1 tampinha de lata, encher com naftalina em pó (já comprei, vai seguir com o ximo CAN) e pingar um pouco de creosoto encima da naftalina. Se tem naftalina em pó, pode aplicar o creosoto em algodão, encima da tampa de lata.

As lâmpadas para o laboratório procure no amoxarifado em Aragarças. Tomei conhecimento das novidades que tem aí, como suçuri, chorro de mato, catingueiro ~~Hu~~, tamanduá bandeira adulto etc. Teremos, então a possibilidade variar um pouco a nossa exposição.


Felicitidades

H. Sick.

|| * *Rebular o soro com validade vencida do Rio porque a firma Avoca cobra soro novo (com pequeno desconto)!*

Correspondência enviada por Helmut Sick, em 15 de março de 1954, para José Hidasi, tratando sobre o transporte de animais e produtos químicos, bem como variação dos acervos nas exposições.

Telegrama enviado da cidade do Rio de Janeiro, em 28/04/55, por Helmut Sick, da Fundação Brasil Central, para José Hidasi, que trabalhava na cidade de Aragarças - Goiás. O assunto era sobre a transferência dos animais do zoológico da Fundação para o Jardim Zoológico de Goiânia.

Fonadoras	FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL	Carimbo da estação	
Por	SERVIÇO RÁDIO		
Data	TELEGRAMA RECEBIDO		
1.ª via			
PREÂMBULO: DE	RIO	N. 190	PLS. 39 HORA 10,57 DATA 28/4
ENDEREÇO:	ESAR ARAGARÇAS		
Texto:	= 1086 10,00 28/4/55		
AT JOSÉ HIDASI PT QUEIRA INFORMAR SE JARDIM ZOOLOGICO GOIANIA É MUNICIPAL OU ESTADUAL PT PRIMEIRO CASO VG QUEIRA INFORMAR NOME PREFEITO PT FUNDAÇÃO ENTENDER-SE-Á DIRETAMENTE JARDIM ZOOLOGICO PT CORRESPONDENCIA DE GOIANIA CHEGOU ATRAZADA PT SICK PT			
SG			
11,05 RF			

ATCR Rio, 30.V.55

Prezado Hidasi,

Sua carta e telegrama chegaram aos meus mãos somente em 26 deste; soube ainda no mesmo dia por rádio que você foi a Aragarças e não precisava mais da autorização.

Manda ^{o telegrama} ~~os telegramas~~ ao Diretor do Jardim Zoológico de Goiânia, oferecendo os nossos animais, como presente e colaboração da F.B.C., sob a condição de levar os bichos de Ara a Goiânia.

Ainda não marquei definitivamente o dia de embarque do material destinado para o Museu Nacional porque temos resolver antes o caso ~~com~~ ^{dos} animais vivos. Espero que o Jardim de Goiânia aceite a proposta da F.B.C. e leve o lote todo; o Sr. tem que aguardar isso em Aragarças.

Fora do material para a exposição no Museu Nacional me traga o seguinte:

- Um rutão pequeno, desmontado;
- Gavião A.2339, sem nome na exposição de Ara;
- Fichário da exposição (estante esquerda de Dr. Barros, 1.ª gaveta em cima);
- o seu alistamento de animais, para esclarecer alguns números;
- 1 rede minha, a menor (meu armário);
- 1 chifre montado campeiro da sua coleção particular para eu comprar para um amigo meu;
- Sarecura da nossa excursão em outubro, estrada para Ibotim;
- Todas as andorinhões que tem aí (estante Dr. Barros).

Se o Jardim Zoológico Goiânia aceitar fica ainda para nos acondicionar os animais para o transporte (caixas, engradados).

Felizidades

H. Sick

Carta enviada por Sick, do Rio de Janeiro, em 30 de maio de 1955, para José Hidasi, tratando sobre o destino dos animais do zoológico da Fundação Brasil Central da cidade de Aragarças – Goiás, que seriam doados para o Jardim Zoológico de Goiânia. Discute também o transporte de animais taxidermizados para exposição no Museu Nacional.

Correspondência enviada por Helmut Sick em 7 de dezembro de 1959 para José Hidasi, quando ele estava trabalhando para o Museu Emilio Goeldi. O assunto tratado era sobre classificação de material coletado no Rio Javari.

FUNDAÇÃO BRASIL CENTRAL

Ilmo. Snr.
José Hidasi,
Museu Goeldi,
Belém do Pará.

Rio de Janeiro, 7.XII.1959.

Prezado Hidasi,

Acuso sua carta de 27 do passado e confirmo que estou pronto para classificar o material aludido ornitológico do Rio Javari.

Não posso me entender com o Diretor do Museu Nacional, Instituto, onde eu faria o previsto trabalho; o Diretor do Museu está viajando. Nem me posso comunicar aqui com o Snr. Dr. Egler - estando eu atualmente hospitalizado após uma operação da bexiga.

Caso o material em apreço é propriedade do Museu Goeldi não pode ser incluído nas coleções do Museu Nacional, Rio de Janeiro, mostre esta carta ao Dr. Egler para ele ver confirmação minha por escrito.

Agradeço as indicações sobre o "Zoological Record"; estou ao par destas relações.

Lembrança para Dona Maria!

Felizidades

--- Dr. Sick ---

Dr. H. Sick,
Fundação Brasil Central
Av. Nilo Peçanha 23 III.
Rio de Janeiro. D.F.



Ordem de Serviço expedida pelo Museu Emilio Goeldi, em 27 de abril de 1959, autorizando o pagamento a José Hidasi por serviços prestados pela coleta e preparação dos animais.

Tendo em vista os poderes que me são conferidos pelo art. 7º, item g, da Portaria nº 45/57, de 3.7.57, do Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, autorizo o pagamento a JOSÉ HIDASI da quantia de R\$ 60.960,00 (SESSENTA MIL NOVECENTOS E SESSENTA CRUZEIROS) por serviços prestados na coleta e preparação de quatrocentos e cinquenta e nove (459) aves ~~seliadas~~, oito (8) ~~a~~ ves montadas, vinte e dois mamíferos (22), quinze (15) ~~a~~ ves em formol, quarenta e seis (46) répteis em formol, procedentes da região da Rodovia Belém Brasília aos ~~pro~~ qos estabelecidos no processo nº 41/59, de 31.1.59.

DÊ-SE CIÊNCIA, CUMpra-SE E PUBLIQUE-SE.

Belém, 27 de abril de 1959.

Walter Alberto Egler
WALTER ALBERTO EGLER
Diretor

Carteira de Técnico Taxidermista, do Museu Goeldi, que lhe dá autorização para exercer a caça para estudos científicos. Expedida em 24 de maio de 1961.





Declaração do governador de Rondônia, em 30 de outubro de 1964, autorizando José Hidasi para efetuar coletas e pesquisas na região

D E C L A R A Ç Ã O

O Prof. JOSÉ HIDASI, naturalista do Museu Estadual de Goiás, está colaborando com o nosso Governo, com a montagem e organização de um museu zoológico e etnológico.

Solicitamos a gentileza das autoridades estaduais e federais, de facilitar o trabalho da coleta e pesquisas do referido cientista, em relação de transporte de material zoológico, como peles de mamíferos, aves répteis; peixes insetos, anfíbios etc., preparados e animais vivos.

Com a certeza de sermos atendidos, apresentamos os nossos antecipados agradecimentos.

Porto Velho, 30 de outubro de 1964

(Ten. Cel. JOSÉ MANOEL LUTZ DA CUNHA E MENEZES)
Governador

Reconheço como verdadeira(s), a(s) _____ Firma(s) _____
assinada(s) com esta assinatura _____
Porto Velho, DF, em _____ de 19 _____
Em testemunho _____

ISENTO DE SELO

DURVAL GADELHA
Escritório de
Judicial, Tabelião de
Notas, Oficial do Registro Civil
e Anexos.
PORTO VELHO - ICA - Livro de Matrícula

TABELIÃO

Carta enviada por Helmut Sick, em 20 de novembro de 1968. Quando estava na Academia Brasileira de Ciências, comenta sobre o Congresso de Conservação da Natureza, no qual apresentou um trabalho sobre as aves raras do Brasil, principalmente denunciando sobre o comércio de aves empalhadas como *souvenir*, em particular o uirapuru.

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS
CAIXA POSTAL 229 - ZC-00 - RIO DE JANEIRO
TELEFONE: 22-3112

Rio de Janeiro, 20.XI.68

Prezado Hidasi,

Estou trabalhando oportunamente na determinação do seu material do Acre.

O andorinhão é *Chaetura brachyura cinereocauda*, interessante pela sua das primárias.

A galinha do mato é *Formicarius analis*, perto da raça *analis* do Madeira e da Bolívia. Com apenas um exemplar na mão não se pode dizer se as diferenças existentes são variação individual ou representam caracteres de uma população inteira. Quantos exemplares tem daquele lugar? Seria possível se tratar de uma raça ainda não descrita. As penas brancas na garganta são albinóticas. As vezes tais penas descoloradas se acumulam em certas populações como verifiquei, p.ex., em *laterallus*.

Estive fora do Rio diversas vezes, e o.o. algum tempo em Brasília, no serviço da Academia Brasileira de Ciências. Trabalhei também na coleção de aves empalhadas da Fundação Zoológica do D.F. Antes de regressar ao Rio fiz quase um pulinho a Galania.

Tinhamos em outubro no Rio um Congresso de Conservação da Natureza no qual apresentei conferência sobre as aves raras do Brasil. Falei por extenso sobre os perigos que ameaçam as aves deste País. Denunciei, e.o., o bruto comércio com aves empalhadas para *souvenir* e, em particular, sobre aquele com uirapurus. No futuro teremos meios de intervir e reagir contra tais abusos.

Atualmente estou em casa, em reconvalescência de uma hemorragia intestinal.

Saudações
H. Sick



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
 INSTITUTO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL
 DELEGACIA ESTADUAL EM GOIÁS
 NÚCLEO DE VIGILÂNCIA

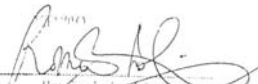
A U T O R I Z A Ç Ã O

Fica o naturalista JOSÉ HIDASI, Diretor da Divisão de Ciências do "MUSEU GOIANO PROF. ZOROASTRO ARTIAGA", AUTORIZADO A COLETAR material zoológico no território goiano, conforme relação em anexo, destinado à exposições e coleções científicas para estudos da fauna brasileira, de conformidade com o artº. 14, da lei nº 5.197 de 3/01/67 e artº. 17, da Portaria nº 252 de 26/04/69, observando-se as proibições constantes da Portaria 303 de 29/05/68, referentes a animais e aves em vias de extinção, não podendo o referido material ser desviado para outras finalidades.

O aludido naturalista deve comprometer-se a apresentar o material coletado à fiscalização da Fauna quando a Delegacia do IBDF julgar conveniente.

Goiânia, 23 de abril de 1.969


 Fernando Lima Oliveira
 Enc. de T. de Defesa da Flora e Fauna
 IBDF - GO.


 José Hidasi
 Diretor da Divisão de Ciências do Museu Goiano

Autorização datada de 23 de abril de 1969, na qual fica autorizado José Hidasi a fazer coletas para o Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga, conforme o art. 14, que permitia a coleta desde que fosse para fins científicos e que apresentasse o material para fiscalização.

ANEXO 02

Algumas Reportagens

O colecionador de passaros do Brasil Central

FOLHA
DA
MANHÃ
1951.

HA seis anos um homem loiro, de aparência ainda jovem, estatura mediana, magro, vem percorrendo os nossos sertões armado de rédeas de varios tipos.

Para os indios é um caçador infatigável; e nos povoados brancos não são poucos os que o veem como um homem esquisito, misterioso mesmo, que chega calado e não fala, e bastante, quando a conversa começa a girar em torno de passaros ou curiosidades sobre os habitantes da selva; durante dias, sobe, ou desce os rios ou embrenha-se na mata perigosa para de lá voltar com passaros de todos os tamanhos e cores, muitas de formatos estranhos, linguísticas, urutus e tarapacás; tempo que ele e seu auxiliar empalham paciente e cuidadosamente na realidade porém, não se trata nem de um explorador nem de um mero dileitante em busca de aventuras, nem de um simples colecionador de espécies raras de nossa fauna e sim de um naturalista.

ENCONTRO EM CHAVANTINA

Nosso encontro com o dr. Helmut Sick — esse o nome do naturalista — deu-se em Chavantina, no refeitório do Posto da Fundação Brasil Central.

O dr. Sick que é chefe do Departamento de Pesquisas Naturalísticas da Fundação Brasil Central, cargo que ocupa há seis anos, encontrou-se no Brasil há treze anos, tendo vindo da Alemanha. Doutor em Filosofia e di-



O dr. Sick e seu assistente procedem à limpeza do peixe-elétrico

Texto de Hideo ONAGA
Fotos de Angelo PIROZELLI

plomado em Zoologia e Botânica pela Universidade de Berlin, veio ao Brasil em 1939 com o objetivo de realizar pesquisas sobre a nossa fauna animal, na qualidade de assistente do Museu Zoológico daquela universidade. Com a explosão da guerra, viu-se forçado a permanecer em nosso país, mas não ficou inativo, trabalhando em colaboração com

o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Departamento de Zoologia de São Paulo. Finda a guerra, entrou para a Fundação Brasil Central.

— "O Brasil oferece para a minha especialidade um campo novo, fascinante, que a pobre e exploradíssima Europa não pode oferecer", diz o naturalista em português fluente.

Terminada a guerra, chamou a esposa de quem se achava separado desde o início da configuração, e fixou residência no Rio.

ESTUDO E CLASSIFICAÇÃO DA FAUNA ANIMAL

— "Percorri quase todo o Brasil realizando pesquisas e escrevendo sobre a sua fauna animal, mas, desde que entrei para a Fundação Brasil Central, como

chefe do Departamento de Pesquisas Naturalísticas, meu objetivo vem sendo o estudo e a classificação da fauna centro-brasileira. De maneira geral, interessam-se todos os componentes dessa riquíssima fauna; porém, particularmente, meus estudos se concentram sobre as aves — sou especialista em Ornitologia — das quais já classifiquei mais de quatrocentas variedades, dentro mais de dois mil exemplares caçados."

Explica o dr. Sick que seu trabalho não consiste apenas em caçar, empalhar e classificar o animal. É preciso estudá-lo em seu "habitat", conhecer seus costumes, seu comportamento de acordo com as estações do ano, sua alimentação, suas molestias.

Durante suas incursões pelos sertões mato-grossenses esse caçador-cientista descobriu varios exemplares ainda não classificados, espécimes totalmente desconhecidos dos tomos de Ornitologia.

OS "MONSTROS FABULOSOS"

Interrogado sobre a existência de "monstros fabulosos" que constituem assuntos adorados de certo tipo de explorador e gente ignorante dos sertões, declara o naturalista:

"Nessas minhas andanças pelo mato tenho ouvido falar de animais os mais estranhos, fantásticos até, nunca pude constatar sua existência, nem sequer sinais de que existam. Todos esses misteriosos animais são liquidados por um simples cerco de perguntas — "quem disse?", "quem viu?", "como era o bicho?". Geralmente a pessoa ouviu dizer, não viu, foi o amigo que viu, o amigo não mora mais aqui ou já

morreu; e quando a pessoa viu, não pôde ver bem porque era noite ou porque o bicho estava muito longe. E, nos raros casos em que o informante "viu" o monstro, é preciso levar em conta a tendencia humana e comum de exagerar. Por exemplo, no caso da suçuri monstruosa que teria quarenta metros de comprimento, pelas informações que obtive, sou inclinado a crer que se tratava realmente de um reptil de proporções invulgares; en-

tretanto, não posso aceitar como certo aquele comprimento, quando os informantes dizem que ouviram dizer ou que calculam pelo tamanho da parte que viram..."

Mas, enquanto não surgem "os monstros", o paciente dr. Sick, coadjuvado pelo taxidermista José Hidas (húngaro de nascimento, com a instalação do governo comunista em seu país, fugiu para a França onde terminou os estudos, vindo em segui-

da para o Brasil) continua altamente entusiasmado com as pesquisas sobre a nossa bela, colorida e variadíssima fauna.

Os animais são classificados, embalhados e enviados à Aragarças, onde, juntamente com a sede da Fundação Brasil Central, a ser brevemente instalada ali, será construído o Museu da Fauna do Brasil Central.

DOIS LIVROS

Além da estafante atividade no sertão, enfrentando os terríveis mosquitos e a febre, o sol de esturricar e uma serie não pequena de desconfortos, encontra o dr. Helmut Sick tempo para escrever para diversas revistas científicas do Brasil e do estrangeiro; colaborar com varios institutos enviando-lhes material de estudo e informações novas sobre o que observa.

— "Presentemente estou preparando dois livros — um de caráter estritamente científico, o outro de divulgação — ilustrados com fotografias sobre os estudos que realizei nos sertões do Brasil."

Para aqueles que desejarem encontrar o dr. Sick para obter mais informações sobre sua curiosa atividade, eis um elemento seguro de identificação: ele será certamente o unico homem no Brasil Central que possua olhos de cores diferentes: um azul muito claro e o outro castanho.

Head start for a new display

By COL ALLISON

When Professor José Hidasi, a Brazilian ornithologist, flew out of Sydney for a lecture tour of South Africa this morning, the black rhino head he carried on board as luggage turned many other heads.

The 65-year-old professor, a father of five, has just completed a study of the Australian Museum's world-famous bird and animal collections and was given the rhinoceros head as a farewell gift from colleagues.

But fear not, one of the world's rarest animals did not die to end up as a glassy-eyed exhibit in the Goiania Museum of Natural History, which the Hungarian-born professor established in 1968, 18 years after his arrival in Brazil as a political refugee.

Instead, it was crafted as an exact replica, down to the "hair" of extruded fibreglass, by the noted wildlife sculpture and taxidermist Mr George Hangay, of North Narrabeen, the Australian Museum's chief preparator of exhibits.

"I have never been able to collect a black rhino head because of the animal's rarity," Professor Hidasi said yesterday. "But this extraordinarily lifelike artistry proves that academic display specimens of large mammals can be created without taking the life of an endangered species."

The life-size reproduction will join a unique collection of 120,000 specimens of birds, mammals, reptiles and amphibians, representatives of the entire animal kingdom, in the museum that grew from the professor's collecting and study tours of birds of the Amazonian jungles.

The professor's main interest is the protection of animals in their natural environment, a subject on which he still lectures as a labour of love to hundreds of schoolchildren each day back home.

In recent years he has gone to extraordinary lengths to boost the massive collective of wildlife exhibits in the museum he directs by turning to synthetic recreations.

Mr Hangay, the author of a definitive series of books on specialised museum preparation techniques, said yesterday the Goiania Museum's parrot collection was incredible.

"The professor has a fantastic full collection of toucans and all other Brazilian birds, not one of which is based on an original skin," he said. "They're all fabricated from textiles but every one of them looks alive."

Professor Hidasi said the Sydney-made rhino head would provide a new direction for his museum staff to follow, re-creating other large endangered species for public exhibition.



Heading off . . . Professor José Hidasi leaves Sydney Airport for South Africa with his unusual sculptured trophy of a rhino's head.

Picture by TROY HOWE

Fonte: *The Sydney Morning Herald*, 26 de Novembro de 1992.

O GLOBO

27 de novembro de 1992



CALIFORNIA

PEOPLE

The Sacramento Bee

December 1, 1992

Heads up

Jose Hidiá, a Brazilian ornithologist, received an unusual gift Wednesday when he visited Sydney, Australia, for a lecture tour. Staffers at the Australian Museum gave him a fibreglass model of the head of a black rhinoceros.

ACONTECE

■ O ornitologista brasileiro José Hidiá, de 65 anos, participou de eventos no Museu de Austrália e ganhou, de cientistas do Museu, um presente difícil de carregar: a reprodução de parte de um rinocerante feita de fibra de vidro.



Hidiá carrega seu presente

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE SÃO PAULO

Segunda-feira, 30 de novembro de 1992.

**Gente**

Depois de fazer uma série de palestras sobre pássaros em cidades australianas, o cientista brasileiro José Hidiá, de 65 anos, ganhou de seus colegas um presente inusitado: um modelo em fibra de vidro de uma cabeça de rinoceronte. Ele passou a desfilar com o presente.

Fontes: *Califórnia People* em 01/12/92; *O Globo* em 27 de novembro de 1992. *Jornal da Tarde* em 30 de novembro de 1992.

Ao criar o Parque Temático Dr. José Hidasi, a prefeitura presenteou Goiânia com um pedaço da pré-história

Com fins pedagógicos e de lazer, os Dinossauros do Parque Mutirama despertam interesse e curiosidade.

Armênia Mota

As crianças deram a ideia, a prefeitura de Goiânia topou, dois artistas residentes na capital conceberam o projeto e os próximos servidores do Parque Mutirama reconstruíram um pedaço da pré-história na capital goiana.

E assim surgiu o Parque Temático Dr. José Hidasi, também conhecido como Parque dos Dinossauros. O espaço tem nove réplicas de dinossauros em tamanho original, cascata, lago, pedras e área gramada. Além disso, conta com um projeto paisagístico que lembra o meio em que viviam os dinossauros, com plantas rústicas e muitas pedras.

Um animal com 15 metros de altura? Sim. É o Braquiossauro, o maior

que habitou a Terra; a réplica que se encontra no Mutirama é em tamanho natural e tem 15 metros de altura e 25 metros de comprimento - informa o diretor do Parque Mutirama, Vladimir Durão.

No total, o nosso Parque dos Dinossauros possui nove réplicas de animais pré-históricos das seguintes espécies: Braquiossauro, Anquilossauro, Torossauro, Estegossauro, Tiranoossauro Rex, Carotaurus, Espinossauro e Pteranodon.

O nome oficial do Parque dos Dinossauros é uma homenagem ao homem que desenvolveu, em Goiás, um dos maiores trabalhos de ornitologia do Brasil: o professor José Hidasi. O

primeiro museu ornitológico ele montou em 1956, na cidade de Aragarças, às margens do rio Araguaia, no auge da Expedição Roncador-Xingu que teve instalada ali sua principal base.

Doutor José Hidasi fundou também o Museu de Ornitologia de Goiânia, em 27 de fevereiro de 1968; e o museu de Ciências Naturais e Laboratório de Taxidermia, na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, no dia 2 de junho de 1971.

O cientista que dá nome ao Parque Temático Dr. José Hidasi nasceu na Hungria e veio para o Brasil em 1950.

O Parque Mutirama foi construído pelo então prefeito Iris Rezende Machado,

no final da década de 60; tendo sido recuperado e ampliado pelo atual prefeito, Pedro Wilson. Ambos foram homenageados na inauguração do Parque dos Dinossauros, um dos grandes presentes que o goiano ganhou nas comemorações do 70º aniversário da cidade.



Espécies do Parque dos Dinossauros

Fonte: Estado de Goiás em 30 de dezembro de 2003.

RECONHECIMENTO

JORNAL DE BRASÍLIA - Sábado, 18 de dezembro de 2004

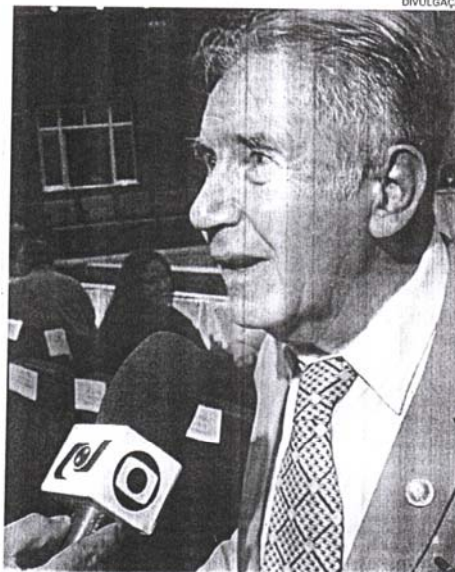
Ornitólogo recebe Medalha da República da Hungria

No último dia 15, o professor José Hidasi, um dos maiores ornitólogos do mundo, recebeu do embaixador da República da Hungria, József Németh, a Medalha de Ouro do Presidente da República da Hungria, pelo desenvolvimento das relações científicas húngaro-brasileiras.

Na cerimônia de entrega, a professora de música da Universidade Católica de Goiás, Andréa Teixeira, tocou uma melodia folclórica húngara e uma peça de Villa-Lobos.

VIDEO - Também foi exibido um vídeo sobre a vida e a atividade científica do professor. José Hidasi revelou que deseja criar um museu ornitológico em Brasília.

Participaram do evento representantes do governo de Goiás, do Ministério das Relações Exteriores, da Universidade de Brasília e membros da comunidade húngara.



José Hidasi pretende construir um museu em Brasília

Fonte: Jornal de Brasília em 18 de dezembro de 2004.